

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

JOSÉ DÁCIO SANTOS OLIVEIRA

SOFRIMENTO DE CRISTO: MODELO E SENTIDO PARA TODO SOFRIMENTO
HUMANO

ANÁPOLIS - GO
2020

JOSÉ DÁCIO SANTOS OLIVEIRA

SOFRIMENTO DE CRISTO: MODELO E SENTIDO PARA TODO SOFRIMENTO
HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Ms. Padre Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS - GO

2020

DEDICO

Ao grande e sábio Pastor: Dom Henrique Soares da Costa (*in memoriam*) que sempre me ajudou com suas belas palavras e testemunho sacerdotal. Dom Henrique, “tu és Sacerdote eternamente...”

AGRADECIMENTOS

De antemão, agradeço a Deus pelo dom maravilhoso que recebi Dele: a vida. Agradeço-Lhe profundamente pelos meus pais João José de Oliveira e Maria de Lourdes Santos os quais me incentivam a seguir neste discernimento vocacional, mesmo diante dos momentos difíceis da vida.

Agradeço a todos os meus familiares que sempre estão presentes na minha vida.

Agradeço na pessoa do meu pároco, o Reverendíssimo Pe. Benedito, à Paróquia Nossa Senhora da Conceição e especialmente à minha comunidade de origem: Povoado Serrote Grande. Obrigado, estimados irmãos e amigos! Obrigado pelos momentos importantes que vivenciamos juntos, pelas lágrimas que derramamos, pelas dificuldades e vitórias que passamos!

Agradeço a todos os meus professores por toda formação que eu recebi, desde o pré-escolar até a conclusão da Teologia.

Agradeço na pessoa do Reverendíssimo Padre Cássio de Barros a todos os Legionários de Cristo por toda confiança para comigo durante minha formação sacerdotal no Seminário Maria Mater Ecclesiae do Brasil.

Grato a todos que formam a Faculdade Católica de Anápolis pela qual estou reconhecimento o meu Curso de Teologia.

Agradeço ao Prof. Ms. Padre Carlito Bernardes, meu orientador.

Ao psicólogo Dr. Euvaldo que me acompanhou durante toda minha formação sacerdotal no seminário, muito obrigado!

A todo povo de Deus, que humildemente confia em mim, e contribui para a minha formação sacerdotal. A todos vocês muito obrigado! Vocês são a motivação ao meu estudo!

Enfim, agradeço a Virgem Maria- a Virgem do Silêncio, que guardava e meditava os mistérios de Deus em seu coração. Obrigado, minha querida Mãe, por sempre está presente na minha vida ensinando-me a viver como um escolhido de Deus.

Obrigado, Senhor, por tudo!

Domine, in manus tuas commendo vitam meam!

(Senhor, em tuas mãos eu entrego a minha vida!).

“Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o ‘porquê’ do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino.”
(João Paulo II, *Salvifici Doloris*).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>a.</i>	<i>articulus</i>
<i>apud</i>	citado por
<i>c</i>	coluna
<i>cf.</i>	conferir
<i>CIC</i>	Catecismo da Igreja Católica
<i>DH</i>	Denzinger-Hünemann
<i>et al.</i>	texto escrito por mais três autores.
<i>id.</i>	mesmo autor/ igual
<i>ibid.</i>	mesma obra
<i>n.</i>	número
<i>q.</i>	<i>quaestio</i>
<i>SD</i>	<i>Salvifici Doloris</i>
<i>SS</i>	<i>Spe Salvi</i>
<i>S. Th.</i>	<i>Summa Theologica</i>

RESUMO

Neste trabalho, procuraremos corroborar a hipótese geral que sustentamos, a saber, que em Cristo estão o sentido e a vitória para todo o sofrimento humano. Ele compreende o sofrimento, as dores, as dificuldades e as angústias do homem, porque, na encarnação, assumiu a natureza humana e, conseqüentemente, tudo o que é humano para dá-lhe sentido e salvação. Assim, todas as tribulações e tentações do homem são tribulações e tentações do “próprio” Cristo. Deus não é autor do mal e tampouco do sofrimento, contudo, permite-os como meio de purificação interior e crescimento espiritual. Deus não explica o porquê do sofrimento, mas sofre com o homem. Seu silêncio ante os questionamentos cruciais da vida não é sinônimo de desprezo para com seus filhos. Trata-se, na verdade, de um agir pedagógico divino que respeita a liberdade humana, que liberta o homem de si mesmo, de seus esquemas, de seus projetos, de seus interesses egocêntricos e o refaz, molda-o e o purifica para ir ao encontro d’Ele. É na Cruz do Senhor que o ser humano encontra força e sentido para prosseguir na sua caminhada rumo à Pátria Celeste. Todavia, somente através da fé, do santo silêncio, da escuta atenta, do santo abandono, de uma sincera e confiante entrega nas mãos de Deus, é que o homem pode compreender esse mistério que transcende sua razão, porém não a contradiz. Compreende que nada acontece por acaso, tudo tem um sentido e que somente Deus pode tirar de qualquer mal um bem.

Palavras-chave: Amor. Cristo. Encarnação. Mistério. Sofrimento.

ABSTRACT

We will seek in this paper to corroborate the general hypothesis that we defend, that is, that the meaning of all human suffering and its victory are in Christ. He understands suffering, sorrows, difficulties and anguish of man, as he assumed human nature, through Incarnation, and consequently he gives meaning and salvation to all that is human. In this way, any tribulation and temptation of man are tribulations and temptations of Christ himself. God is not the author of evil or suffering, nonetheless he allows them as means of interior purification and spiritual growth. God does not explain the reason of suffering, but he suffers with man. His silence before crucial questions of life is not synonym of despise towards his children. It is, instead, a pedagogical way of divine acting that respects human freedom, and frees man from himself, his schemes, his projects, his egocentric interests and remakes man, shaping and purifying him in order to go to God's encounter. It is in the cross of Our Lord that man finds strength and meaning to keep on going in his path towards heavenly home. However, only through faith, holy silence, attentive hearing, holy abandonment and a sincere and confident surrender in God's hands, man is able to comprehend such mystery that transcends his reason, although it does not contradict it. He comprehends, then, that nothing is casual and that everything is meaningful, being God the only one that may take good out of evil.

Keywords: Love. Christ. Incarnation. Mystery. Suffering.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O MISTÉRIO DO SOFRIMENTO HUMANO NUMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO- ESPIRITUAL.....	12
2.1	O SOFRIMENTO DE JÓ.....	13
2.2	A ORIGEM DO MAL.....	19
2.3	O SILENCIO DE DEUS ANTE O SOFRIMENTO DE SEUS FILHOS.....	23
3	DEUS VEM AO ENCONTRO DO SOFRIMENTO DO HOMEM EM SEU FILHO....	31
3.1	O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO DO VERBO.....	31
4	A RESPOSTA DO HOMEM DIANTE DO SOFRIMENTO.....	37
4.1	PARTICIPANTES NO SOFRIMENTO DE CRISTO.....	37
4.2	A ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO E NA VIDA ETERNA.....	41
	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a uma análise fenomenológico-espiritual do sofrimento humano a partir de Cristo. Trata-se, portanto, de um estudo baseado nas Sagradas Escrituras¹, no Magistério da Santa Mãe Igreja Católica, no pensamento dos teólogos e na história dos santos os quais também experienciaram o sofrimento e o silêncio de Deus em suas vidas.

Tem como tema: “Sofrimento de Cristo: Modelo e sentido para todo sofrimento humano”. Teremos como objeto de estudo, dentre outras obras, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Sumo Pontífice João Paulo II, hoje santo da Santa Mãe Igreja.

E ainda, para enriquecer esta pesquisa colocaremos durante o desenvolvimento algumas explicações e questionamentos em nota de rodapé os quais poderão servir como reflexão ao leitor, bem como os textos originais das obras traduzidas pelo autor deste trabalho e que é de sua inteira responsabilidade, para que assim, cada leitor possa cotejar o texto.

Temos como objetivo conscientizar a cada leitor que Cristo compreende o sofrimento humano, pois Ele o experimentou verdadeiramente ao assumir a nossa natureza na Encarnação. Assim, o sofrimento é visto não como desgraça, maldição ou castigo, senão como conversão, purificação interior, compaixão, amadurecimento espiritual e salvação à luz da Revelação. É um sair de nós mesmos ao encontro do Senhor e do próximo.

No entanto, algumas questões a serem discutidas podem ser levantadas:

- a) Cristo é verdadeiramente Deus e Homem? Se Ele o é, por que não acaba com o sofrimento humano?
- b) Por que Deus permite que os seus filhos sofram? Por que o silêncio do Eterno ante o sofrimento de seus filhos?
- c) Existe esperança mesmo no sofrimento?
- d) Existe um sentido, uma razão ou ainda uma finalidade para tanto sofrimento?
- e) O sofrimento nos purifica verdadeiramente?

Tais questões nortearão a nossa pesquisa e algumas hipóteses que levantaremos. Na hipótese geral do trabalho sustentamos que em Cristo estão o sentido e a vitória para todo o sofrimento humano, pois Ele assumiu tudo que é humano para redimir e salvar, como diz Santo Agostinho:

¹ Quanto à Sagrada Escritura, usaremos a *BIBLIA SACRA VULGATAM CLEMENTINAM* e também a *BÍBLIA CATÓLICA ONLINE*. Disponível em <<https://www.bibliacatolica.com.br/>>. Acesso em: 26. nov. 2020. 10:36:31.

De fato, Cristo foi tentado pelo demônio. Em Cristo tu foste tentado, porque Ele assumiu a tua carne para te dar a salvação; assumiu a tua morte para te dar a sua vida [...] consequentemente assumiu as tuas tentações, para te dar a sua vitória.” (AUGUSTINI, 1845, p. 724).²

E para corroborar tal hipótese, sublinhamos em cada capítulo uma hipótese específica, que nos auxiliarão, a saber:

No primeiro capítulo, afirmamos que Deus não explica o porquê do sofrimento humano, mas Ele sofre com o homem e leva a sério o seu sofrimento. Toma-o para si, vai ao seu encontro. Falaremos também do silêncio de Deus e seu sentido.

Apresentaremos a figura do Pobre Jó. Veremos que por trás deste silêncio ressoa a voz do Eterno, é um silêncio que não significa abandono, desprezo, ou até mesmo indiferença, senão amor que prova o homem e espera deste uma resposta de fé.

No segundo capítulo, explicaremos que Cristo compreende completamente o sofrimento humano, pois Ele assumiu a natureza humana. Cristo é Homem por antonomásia. Ele compreende a fundo a miséria humana no seu mistério amoroso e somente Ele pode dar-lhe sentido.

No terceiro capítulo, afirmamos que todas as tribulações do homem são tribulações do próprio Cristo. Assim, diante do sofrimento o homem não sofre sozinho, pois Cristo está com ele, compadece efetivamente dele.

Trata-se, portanto, da resposta do homem diante do sofrimento a qual se encontra no âmbito da fé³, um completar na sua própria carne o que faltou na Paixão de Cristo, é a certeza da esperança na Ressurreição e na Vida Eterna.

² “*Prorsus Christus tentabatur a diabolo. In Christo enim tu tentaberis, quia Christus de te sibi habebat carnem, de se tibi salutatem; de te sibi mortem, de se tibi vitam; de te sibi contumelias, de se tibi honores; ergo de te sibi tentationem, de se tibi victoriam.*”

³ De antemão, salientamos que este trabalho não tem a pretensão em fazer uma análise minuciosa sobre o sofrimento humano ou a origem do mal. Não temos a pretensão de esgotar tal Mistério! E nunca poderíamos fazê-lo! Convidamos a cada leitor a ler e a refleti-lo numa dimensão sobrenatural. Quer dizer, no campo da fé. Falar-se-á muito sobre a fé como um ato de abandono confiante nas Mãos de Deus, de uma sincera entrega, mesmo sem entender os planos de Deus, visto que Este nos surpreende “por outros meios que não compreendemos”, rompe nossos esquemas, coloca em crise nossos projetos. É verdade, muitas vezes o Senhor usa de caminhos, meios os quais não conhecemos, mas devemos confiar n’Ele. Depois veremos que tudo teve um sentido. Os pensamentos e caminhos de Deus não são os nossos, a nossa forma de agir não é a do Senhor (Is 55, 8). Mas “a confiança filial é experimentada - e se prova - na tribulação.” (CIC, 2734). Todavia, não se deve confundir esse pensamento com o da teologia luterana protestante a qual defende a “*sola fides*”, ou seja, só a fé como algo meramente subjetivo. Uma espécie de fé fiducial, quer dizer, baseada nas experiências subjetivas do sujeito. Uma fé sentimentalista, superficial, etc. Assim, o homem não tem participação ativa, somente passiva, pois sua natureza foi totalmente corrompida, ao passo que a justificação se dá somente por meio da fé, como algo extrínseco ao homem e não é capaz de transformá-lo. O homem, no luteranismo, é ao mesmo tempo santo e pecador, então resta-lhe, a certeza que Cristo o tenha reconciliado com Deus pela sua paixão e morte. É a certeza que Deus olha para ele com misericórdia (*fides fiducia*). Ora, o Concílio Vaticano I, que refutou o racionalismo, infiltrado também na teologia cristã, rejeita igualmente,

Explicaremos também como cada cristão pode agir diante dos sofrimentos: é chamado a ser um imitador de Cristo, “*Imitatio Christi*”, quer dizer, assim como Cristo foi homem que soube abandonar-se inteiramente nas mãos do seu *Aba*, “Paizinho”, cada homem é chamado a ter as mesmas atitudes de Jesus: confiança, compaixão para com os que sofrem, doação.

no lado oposto, o fideísmo e o tradicionalismo, que insistiam num Deus somente acessível pela fé e pela tradição religiosa: não só se confirma que o ato da fé é “obséquio consentâneo à razão.” (DH, 3026), mas é também afirmada a possibilidade de conhecer Deus partindo das realidades criadas e quem nega esta verdade de fé, é anátema, ou seja, excomungado. Portanto, ao falar da fé como abandono, entrega, a teologia cristã quer dizer, que ela sendo uma virtude teologal infundida por Deus na alma, é ao mesmo tempo um ato humano, ato da razão (ibid., 3026). Dessa forma, necessita da adesão do homem em sua integridade. No entanto, isso não significa que o homem seja capaz de conhecer os mistérios divinos. O Catecismo afirma que “Deus sempre transcende suas criaturas.” (CIC, 42-48). Em outras palavras, é inacessível em si mesmo e a linguagem humana não esgota tal Mistério, mas cabe ao homem responde-lhe humildemente, reconhecendo sua dependência total ao seu Criador.

2 O MISTÉRIO DO SOFRIMENTO HUMANO NUMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-ESPIRITUAL

Vivemos em um mundo marcado de toda espécie de sofrimentos: seja este físico, moral, psicológico ou espiritual. O sofrimento é uma realidade que não atinge somente o homem, mas também os animais. No entanto, somente o ser humano é capaz de ter a consciência que sofre e que pode dar sentido ao seu sofrimento. Somente ele “sabe que sabe”, e por isso tenta buscar respostas para tantas dores, males.

Na verdade, não é o homem que se propõe os problemas, estes fazem parte de sua existência a qual é problemática. O fato de ele procurar resolver os problemas do mundo e, especialmente, o da sua existência, é simplesmente porque ele não vive como os animais ou como os seres inanimados.

O ser humano é capaz de ensimesmar-se, entrar dentro de si. Ele tem a consciência de sua existência. Ademais, o anseio pelo conhecimento é intrínseco a pessoa humana, faz parte de sua essência questionar-se e questionar as coisas que estão em seu redor: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber.” (ARISTÓTELES, 1973, 980^a).

Todavia, em meio a esta busca, muitas vezes o homem não encontra respostas, a não ser abandonar-se nas mãos amorosas de Deus com uma confiança infinita. Ou como diz o Santo Papa João Paulo II: “O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo.” (SD, n. 13).

De verdade, é que são muitas as situações de sofrimentos presentes em todo mundo. Muitos países são marcados pela miséria, pela guerra, pela fome, pela saúde precária, pelo abandono; muitas pessoas sem dignidade humana, marcadas pela rejeição, pela solidão que é tamanha que algumas acabam tirando suas vidas, pois já não encontram mais sentido para viver.

Ainda mais, e os sofrimentos dos inocentes que nem sequer vieram ao mundo e já se deparam com doenças? Por que os justos sofrem? Se Deus é bom, por que o mal? Tem sentido tudo isso? Ou como diz o teólogo Bruno Forte: “De que modo falar de um Deus que se revela como amor numa realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como anunciar o Deus da vida a pessoas que sofrem morte prematura e injusta? (FORTE, 1991, p. 31).

Diante destes questionamentos⁴, nota-se que o sofrimento é algo próprio do homem que o acompanha no cotidiano de sua existência. Trata-se de uma realidade tão profunda que o

⁴ É inevitável ao coração humano estas perguntas: Por que o sofrimento do mundo? Tem sentido o sofrimento? Tem sentido a vida? Tem sentido o nosso cansaço? E as nossas lutas e tentações diárias, tem realmente

transcende. Por conseguinte, ele possui um mundo da significação, da cultura, dos hábitos e, principalmente do amor. Logo, quando deixa o exterior tem um lugar onde se refugiar: em si mesmo. Aqui ele encontra Deus e se encontra, entretanto, exige-se um ato de coragem para desapegar-se de toda sua miserabilidade:

[..] é descendo para dentro de nossa condição terrena (humus, humilitas) que nós entramos em contato com o céu, com Deus. Pois, à medida que nós temos a coragem de descer até nossas próprias paixões, elas nos elevam a Deus. Por ser esta humildade o caminho mais vil e desprezível para se chegar a Deus, isto é, por ser ela o caminho da própria realidade para se alcançar o verdadeiro Deus [...]. Aquele, porém, que almeja o céu com facilidade, nada encontra além de sua imagem pessoal a respeito de Deus e suas próprias projeções. (GRÜN, 1998, p. 25).

Neste mundo interior, o ser humano é capaz de assumir e resignificar toda realidade de sofrimento. Ao deparar-se com suas fraquezas e seus pecados ele percebe que tem interioridade, algo que é inerente à sua natureza: é um sujeito livre, que misteriosamente, pode superar-se e assumir seus atos, como diz Sua Santidade: “[...] o homem está, em certo sentido, destinado a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.” (SD, n. 2).

2.1 O SOFRIMENTO DE JÓ

A Sagrada Escritura é um grande livro sobre o sofrimento. O Antigo Testamento faz menção de algumas situações que marcam sofrimento: o perigo de morte; a morte do próprio filho; a saudade da pátria; a solidão e o abandono; a falta de descendência; a infidelidade por parte dos amigos; a dificuldade de compreender por que os maus prosperam e os justos sofrem, dentre outros (ibid., n. 6).

Neste contexto, não se tem um personagem que mais experimentou o sofrimento em sua vida que o grande Jó. Este homem é provado por inúmeros sofrimentos. Tentado por Satanás pôde chegar ao absurdo da existência humana: perdeu seus bens, os filhos e filhas, e por fim

sentido em Cristo? Quando nos deparamos com o Evangelho Cristo fala do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, pois as ama: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida por suas ovelhas.” (Jo 10, 11). “*Ego sum pastor bonus. Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis.*”. Mas onde estava o Bom Pastor diante da dor, da angústia e desespero de seus filhos? Como explicar o assassinato dos inocentes, de pessoas de Igrejas, de vida de oração e comunhão com Deus? Onde estava a promessa do Senhor de refúgio diante de qualquer perigo? Onde está o Bom Pastor para proteger suas ovelhas? Todas estas perguntas conforme Bruno Forte (1995) não devem ser rejeitadas, mas sem a pretensão de dá uma resposta totalitária. O Sofrimento é uma realidade que ultrapassa o entendimento humano. Deve ser vivido na fé, na confiança e no abandono em Deus.

ele próprio é atingido por uma doença grave. E o mais intrigante: não cometeu pecado, era um homem justo e temente a Deus (Jó 1.8).

Diante dessas situações, vendo cercado por estes sofrimentos, quebra o silêncio e amaldiçoa o dia de seu nascimento:

Pereça o dia que nasci e a noite em que se disse: “Nasceu um menino”. Aquele dia se transforme em trevas, e Deus, lá do alto, não se importe com ele; não resplandeça a luz sobre ele [...]. Apoderem-se daquela noite as trevas [...]. Por que não morri ao nascer, e não pereci quando saí do ventre? (Jó 3, 3-4.6.11).⁵

Quando seus amigos souberam que ele estava sofrendo luto, perdas e dores físicas, logo foram visitá-lo. Eles foram juntos com o propósito de “condoer-se e consolá-lo” e realmente ficaram com dó de Jó quando levantaram longe os olhos e não o reconhecendo, ergueram a voz e choraram. Ficaram juntos com ele em silêncio por sete dias (Jó 2, 11-13). Seus amigos diziam-lhe que tinha cometido pecado e o que estava lhe acontecendo seria castigo, pois antes tinha tudo; agora nada.

O primeiro a discursar foi Elifaz. Seu discurso é baseado em sua experiência de vida (Jó 5,8); de outras pessoas (Jó 4, 7-8) e do próprio Jó (Jó 4, 3-5). Tenta consolar o amigo, dizendo-lhe que todos sofrem. No entanto, sem saber a dor que havia em seu amigo, acha que também já sofreu como Jó⁶.

O segundo a falar é Bildade. Seu discurso é baseado nas vaidades. Vaidade do tempo: pois tudo passa (Jó 8, 9). Ressalta que muitos já sofreram como Jó e seu sofrimento passará rápido. Vaidade das palavras: Bildade, cheio de vaidade, repreende Jó por falar muito (Jó 8, 2) não entende a dor do amigo e seu desabafo o qual não passa de uma procura sincera da face de Deus. Vaidade dos homens: Seu amigo defende a justiça divina e o homem é um pecador, logo ninguém é justo diante de Deus (Jó 25, 16). Este discurso é sábio, porém desprovido de sentimentos, não consegue penetrar na dor e nas angústias do homem.

O terceiro a discursar é Zofar. Cheio de legalismo, acusou o amigo Jó de estar sofrendo por causa dos seus pecados (Jó 20, 15-18). Sente-se muito entendido e por isso, falava baseado nas suas próprias opiniões.

⁵ “*Pereat dies in qua natus sum, et nox in qua dictum est: ‘Conceptus est homo!’ Dies ille vertatur in tenebras; non requirat eum Deus desuper, et non illustretur lumine [...] noctem illiam tenebrosus turbo possideat; [...] quare non in vulva mortuus sum? Egressus ex utero non statim perii?*”

⁶ Uma das grandes tentações que podemos ter é querer equiparar a nossa dor com as dos outros. Ora, cada pessoa é única no sentido que traz consigo todo um histórico de costumes, épocas e culturas diversos. Assim, sempre vamos compreender o sofrimento do outro por analogia, pois também sofremos.

O último a falar é Eliú. Irritou-se contra os três, pois eles não sabendo o que responder, condenavam Jó (Jó 32, 4-5). Também ficou irritado com Jó por ter caído nas argumentações de seus amigos (Jó 32, 2). Eliú apela a misericórdia, pois de nada adianta ter experiência de vida sem conhecer a misericórdia de Deus.

Diante destes questionamentos e vendo a sua própria situação sem saída, Jó vai percebendo que Deus é Mistério o qual ele não conhecia. Em seu discurso medita sobre a transcendência do Sagrado e sobre a situação do homem perante Ele. O Deus invisível fez com que ele sentisse sua força irresistível, ou como diz Karl Heinem (1982, p. 33) “o agir de Deus permanece indevassável ao homem [...] terá o Criador misericórdia de sua criatura ou será que o obscuro em Deus levará a melhor parte?”

Por outro lado, seu coração permanece firme em Deus, reconhece que é criatura e afirma sua dependência ao seu Criador. Esse sofrimento o fez conhecer profundamente Deus, pois está consciente que contra a sabedoria e o poder de Deus ninguém pode nada. Passa do plano teológico ao pessoal ou existencial. Em outras palavras, uma vez conhecendo o Deus verdadeiro e fazendo experiência d’Ele, rende-se a ação divina, e com um gesto de perdão, retrata-se:

Sei que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido. Quem é este que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso, relatei o que não entendia; coisas que para mim eram inescrutáveis, e que eu não entendia. Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás. Os meus ouvidos te ouviram, **mas agora te veem os meus olhos**. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza. (Jó 42, 2-6, grifo nosso).⁷

Nota-se, portanto, que dentro deste mistério que é o sofrimento, há um pequenino, no entanto, mais profundo, mais misterioso: é o sofrimento dos inocentes, daqueles que sofrem sem culpa, daqueles que procuram respostas e não encontram, daqueles que foram condenados pelo mundo ou até mesmo nem vieram a ele. É o sofrimento dos incompreendidos, dos rejeitados.

Na verdade, esse sofrimento é tão escuro que o próprio Cristo que não tinha culpa, pecado, o experimentou em sua carne no Horto das Oliveiras e no auge de sua dor eleva a voz ao seu Pai, quase duvidando que este estivesse naquele momento junto a ele, mas como diz Mohana (1984, p. 33) ajoelhado diante da mesma dor, rogava: “Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice.”

⁷ “*Scio quia omnia potes, et nulla te latet cogitatio. Quis est iste qui celat consilium absque scientia? Ideo insipienter locutus sum, et quae ultra modum excederent scientiam meam. Audit, et ego loquar; interrogabo te, et responde mihi. Auditū auris audivi te; nunc autem oculus meus videt te. Idcirco ipse me reprehendo, et ago poenitentiam in favilla et cinere.*”

Muitas vezes o homem é marcado por vários questionamentos acerca do sentido do sofrimento e da dor. Sua razão não compreenderá o porquê de tantos males que devastam a muitos, sobretudo, quando se trata do sofrimento do inocente:

[...] a evidência da dor se impõe. [...]. Por que tudo isso? Por que a dor? E, sobretudo, por que a dor inocente? É o problema de Jó, a eterna questão que desde o peso da morte eleva-se para a ansiada plenitude da vida. [...]. ‘*Si Deus iustus, unde malum?*’ Onde está o Deus justo diante do mal que devasta a terra e espedaça o coração dos homens? Por que o silêncio de Deus diante da dor do mundo? (FORTE, 1995, p. 5).

Todavia, perceberá que o sofrimento, seja este físico, moral ou espiritual são uma realidade, ou melhor, um mistério que perpassa todas as culturas e épocas sem faz distinção de pessoas, de idade, de raças, de cor, de credo. Todos o experimentaram em suas vidas. Alguns de forma mais intensa e caótica. É uma realidade mais ampla e complexa do que a doença e profundamente enraizado na própria humanidade. Nessa experiência, o homem como nos diz João Paulo II (SD, n. 4), permanece em mistério intangível, por isso deve suscita compaixão, inspira respeito e intimidade.

Portanto, o sofrimento é uma realidade que tange toda realidade humana e não pode separar-se desta: sofremos ao nascer, ao crescer e ao morrer:

Pode-se dizer que o homem se torna caminho de modo particular quando o sofrimento entra em sua vida. Isso acontece, como é sabido, em diversos momentos da vida; verifica-se de diversas maneiras e assume dimensões diferentes; mas de uma forma ou de outra, o sofrimento parece ser, e é mesmo, quase inseparável da existência terrena do homem. (ibid., n. 3).

Entretanto, é importante salientar que através destas experiências dolorosas, crucias o homem pode amadurecer na vida e chagar a uma verdadeira conversão. Por meio do sofrimento voltamos a comunhão com Deus. Este permite certos acontecimentos, porque sabe que isso pode levar a purificação interior, a mudança de vida e ao crescimento espiritual. Efetivamente, o sofrimento pode ser uma condição para que o homem se encontre consigo mesmo e purifique de tudo que é superficial, como suas máscaras, infidelidades, egoísmos, o culto a si mesmo para voltar à uma comunhão verdadeira com Deus:

O sofrimento destrói todas as nossas hipocrisias, arranca todas as nossas máscaras, boicota todos os embustes. O sofrimento é responsável pelos santos, pelos gênios, pelas grandes vidas. Beethoven foi obra do sofrimento. Santo Agostinho foi obra do sofrimento [...]. O sofrimento empurra o homem para o

progresso [...] quantas incompreensões solucionadas por uma dor. Quantas uniões feitas pela dor. Quantas famílias na iminência de uma ruína, uma grande dor vem uni-las e fortificá-las [...] numa palavra, o sofrimento nos torna 'humanos'- divinizando-nos, ao passo que a sua ausência completa dele nos desumaniza, banalizando-nos. (MOHANA, 1984, p. 39-41).

Percebe-se que o sofrimento pode ser uma oportunidade de crescimento. Dependerá sempre da liberdade humana e sua cooperação com Deus, ou seja, trata-se de uma atitude de fé, visto que pelo sofrimento somos filhos do pecado. E pelo sofrimento merecemos o perdão. Por ele dizemos a todos instante que não quisemos ser de Deus e através dele dizemos que queremos voltar a Deus. Então, aquilo que nos afasta, é também que nos aproxima. Portanto, maldito e bendito sofrimento. De nós depende ser ele maldito ou bendito para sempre (ibid.).

Deste modo, sempre o sofrimento deve ser acolhido no misterioso amoroso de Deus. Mesmo que Deus não explique o porquê do sofrimento, Ele sofre realmente com o homem⁸. Leva a sério suas dores e angústias e as toma para si, vai ao seu encontro. É amor que ama e sofre. Nesse amor o homem encontra sentido para tudo. Por isso, deve estar cênscio que Deus está junto dele, que é Pai. Sim, o Deus dos cristãos sofre com seus filhos, porque os ama e os acolhe no seu mistério de salvação.

O nosso pecado não é indiferente ao coração divino. Embora, o homem não aceite, não entenda; a verdade é que o amor de Deus é um amor fiel, acolhedor, esperançoso, que aguarda o nosso regresso (FORTE, 2003).

Ainda sobre este mistério que é o sofrimento, principalmente sobre o tema da dor do inocente, a qual deve ser acolhida na fé, Bento XVI responde a uma pergunta de uma criança japonesa chamada Elena de sete anos que estava com medo, pois sua casa tremeu bastante durante um tsunami e muitas crianças morreram.

Ela na inocência de criança pergunta ao Santo Padre o motivo pelo qual ela e as demais crianças passarem por tantos medos, dores, tristezas e lágrimas. O Santo Padre a saúda de todo coração e diz que essas perguntas ele mesmo as faz e não se tem uma resposta pronta. Mas

⁸ Quando diz que Deus sofre com o homem, percebe-se o uso de uma linguagem antropomórfica. O antropomorfismo é uma forma de pensamento comum a diversas crenças religiosas que atribui a deuses, a Deus ou a seres sobrenaturais comportamentos e pensamentos característicos do ser humano. Esta linguagem influi muito na teologia. Na Sagrada Escritura, principalmente no Antigo Testamento, é marcante o uso dessa linguagem. Assim Deus é aquele que anda no jardim (Gn 3, 10); que tem mãos (Is 49, 16); que tem boca (Is 49, 5), etc. Certamente toda essa linguagem simbólica são gestos, comportamentos e sentimentos humanos os quais são aplicados a Deus para ajudar o homem a relacionar-se com o Sagrado. Portanto, é uma linguagem limitada, pois nunca expressará a essência de Deus, mas necessária. Não constitui um obstáculo para o conhecimento da transcendência divina. Na realidade, em sentido amplo, todos os nossos conceitos, quando queremos aplicá-los a Deus, são antropomórficos. A filosofia cristã desenvolveu a noção de analogia, único meio que podemos fazer afirmações que tenham sentido sobre Deus, todavia, Deus sempre escapa de todas as categorias e pensamentos humanos (PIKAZA; SILANES, 1988, p. 46-47).

sabemos que Jesus sofreu como os inocentes, que Deus verdadeiro se mostra em Jesus, que Ele está ao junto de todos, embora pareça, às vezes, que não nos conhece⁹.

Por isso, mesmo que não se tenha uma resposta acabada para o porquê do sofrimento um dia poderemos compreender que não era uma coisa vazia, não era inútil, mas atrás dele há um projeto bom, um projeto de amor. Às vezes, os cristãos são invadidos por uma sensação de abandono, de ausência de Deus como que se Ele não estivesse junto deles.

No entanto, quando o fiel olha para Jesus Cristo percebe que durante toda a sua vida sofreu inocentemente e estava sempre junto das pessoas, abraçando-as e curando-as. Nos tempos hodiernos, de igual forma, seu amor abraça a cada uma e a conforta em sua dor. Logo, mesmo que não se compreenda os caminhos de Deus¹⁰, deve-se confiar e pedir que Ele o sustente no sofrimento, pois este quando vivido na fé aproxima mais do Divino Mestre.

Por certo, um dia se compreenderá a razão para tanto sofrimento. Compreenderá que este não era uma coisa má, e nesse sentido, vale apenas sofrer pacientemente sabendo que em cada sofrimento há um projeto bom, há a presença de Deus que sofreu tanto do nascimento até a morte de cruz.

Indubitavelmente, assim como Deus é Mistério, o sofrimento também o é. Com efeito, a dor, a angústia, os sofrimentos são uma oportunidade para que o homem permita que Deus os transforme em bênçãos. Logo, a história de dor converter-se-á em uma história de amor.

Ademais, não é pretensão da Teologia ser a resposta ao problema de Jó ou de querer extinguir com toda espécie de sofrimento. No entanto, pode-se afirmar que sua tarefa, bem

⁹ (Entrevista a Bento XVI transmitida na Itália pela Rai Uno no programa: “A sua Imagem.”. Perguntas sobre Jesus. Em 22 de Abril de 2011. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20110422_intervista.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 11:10:15).

¹⁰ Outra cena comovente foi de uma criança Filipina que entre lágrimas, pergunta ao Santo Padre o Papa Francisco por que as crianças sofrem. O Santo Padre num gesto humilde, reconhecendo que não se tem uma resposta a não ser abandonar-se confiantemente nas mãos de Deus responde: “Esta é a única pergunta que não se tem uma resposta e foi precisa dizê-la com lágrimas [...] o núcleo da tua pergunta quase não tem resposta. Somente quando formos capazes de chorar sobre as coisas que vós vivestes, é que podemos compreender qualquer coisa e dar alguma resposta. A grande pergunta que se põe a todos: Por que sofrem as crianças? Precisamente quando o coração consegue pôr a si mesmo a pergunta e chorar, então podemos compreender qualquer coisa. Há uma compaixão mundana que para nada serve! Uma compaixão que, no máximo, nos leva a meter a mão na carteira e dar uma moeda. Se esta tivesse sido a compaixão de Cristo, teria passado, teria curado três ou quatro pessoas e teria regressado ao Pai. Somente quando Cristo chorou e foi capaz de chorar é que compreendeu os nossos dramas” (FRANCISCO, Papa. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Sri Lanka e às Filipinas. Encontro com os jovens. Em 18 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 11:30:33). Na verdade, somente pela fé, esta que não leva ao desespero, o homem pode acalmar o seu coração diante das angústias da vida e das perguntas que não se tem uma resposta pronta. Esta resposta deve brotar de um coração intimamente enamorado de Deus. Um coração que silencia e sofrer por amor a Deus e pela salvação das almas. Assim o sofrimento é ressignificado, quer dizer, ganha sentido à Luz de Cristo.

como diz o teólogo é “transformar a dor em amor, a renúncia em empenho, a blasfêmia em invocação, a história do sofrimento em história do amor ao mundo [...]” (FORTE, 1991, p. 41), ou seja, sua tarefa é transmitir este Deus - Amor que se faz mais presente nos sofrimentos de seus filhos.

Constata-se, portanto, que o sofrimento de Jó é o sofrimento do inocente que deve ser acolhido no Mistério divino: ele sofre e não se tem uma causa para o seu sofrimento. O livro de Jó não abala as bases da ordem transcendente, mas esclarece que nem todo sofrimento é consequência da culpa e nem tem caráter de castigo. Termina praticamente sem respostas, visto que só virá com a Vida Eterna, com Jesus Crucificado. Jó, o “homem das dores”, é a imagem profética de Cristo que é o “Homem das dores por antonomásia”.

Consequentemente, todo sofrimento deve servir de conversão, isto é, de reconstrução do bem do sujeito o qual reconhece a misericórdia divina. O sentido mais profundo do sofrimento encontra-se na revelação do amor divino, fonte de tudo que existe, contudo, ainda permanece o mistério: “O amor é também a fonte mais rica do sentido do sofrimento que, não obstante, permanece sempre um mistério; estamos conscientes da insuficiência das nossas explicações.” (SD, n. 13).

Decerto, esse mistério não se vivencia com discursos científicos, racionais, senão através de uma experiência existencial feita na Cruz do Senhor. Pois, “se quisermos saber quem é Deus, devemos ajoelhar-se diante da Cruz.” (FORTE, 1991, p. 41).

Diante dessa realidade que toca o mais profundo plano existencial do ser humano, restamos questionar: De onde vem o mal? Qual a sua origem? O homem procura o mal em si mesmo? Seria no sofrimento um mal em si? É o que veremos neste próximo tópico.

2.2 A ORIGEM DO MAL

Muitas foram as pessoas que tentaram procurar uma resposta a estes questionamentos: De onde vem o mal? Se Deus é tão bom e tudo o que criou resplandece a sua bondade infinita, por que o mal? Qual a relação entre este e Deus?

Santo Agostinho foi o Padre da Igreja que mais se questionava a respeito do mal. Não concebia um Deus tão bondoso que o tivesse criado ou querido. Com o seu coração inquieto procurava entender essa realidade. Dirá:

[...] portanto, sua criação, limitada, mas cheia de ti, que és infinito, dizia: ‘Eis Deus, e eis as suas criaturas. Deus é bom e poderosíssimo e imensamente

superior a elas: sendo bom, criou coisas boas, e assim, deste modo as envolve e completa. Mas, então, onde está o mal? De onde e por onde conseguiu penetrar? Qual a sua raiz, qual sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos então e evitamos o que não existe? Se tememos, o mal sem motivo algum, é esse temor um mal, enquanto sem motivo nos perturba o coração, e tanto mais grave quanto nada há que temer. Portanto, ou o mal que tememos existe, ou o próprio fato de temê-lo é um mal. (AGUSTIN, 1979, p. 274).¹¹

O santo tenta resolver o problema do mal, visto que sua origem perturbava-lhe. Tinha de enfrentar alguns paradoxos: se Deus não criou o mal, então não podia mais ser o criador de todas as coisas, pois o mal não seria criação d'Ele. Por outro lado, afirmarmos que Deus é criador de todas as coisas, então o mal também estaria entre as suas criações; todavia como pode Deus ter criado o mal, se depois do episódio da criação Ele viu que tudo era bom?¹²

A resposta em meio as suas reflexões, apareceria mais tarde em seu processo de conversão¹³. Para ele todas as coisas são boas pelo fato de existir, pois sua origem é Deus, o Sumo Bem, poderosíssimo e imensamente superior a elas: “Sendo bom criou coisas boas.” (ibid., p. 275). Quer isto dizer, que até mesmo as que se corrompem, de modo que só puderam de corromper porque eram boas, todavia a corrupção é algo nocivo, é contra a natureza do ser.

Dessa forma, o mal não é substância¹⁴, se o fosse seria um bem, ele é dano a uma substância. O mesmo enquanto privação só existe, porque antes existiu o bem. Logo, não tem causa eficiente, mas deficiente. É uma carência de ser: “Portanto, tudo o que elas são, são boas,

¹¹ “[...]sic creaturam tuam finitam te infinito plenam putabam et dicebam: ‘ecce Deus et ecce quae creavit Deus, et bonus Deus atque his validissime longissimeque praestantior: sed tamen bonus bona creavit: et ecce quomodo ambit atque implet ea. Ubi ergo malum et unde et qua huc irrepsit? Quae radix eius et quod semen eius? an omnino non est? Cur ergo timemus et cavemus quod non est? Aut si inaniter timemus, certe vel timor ipse malum est, quo incassum stimulatur et excruciat cor, et tanto gravius malum, quanto non est, quod timeamus, et timemus.’”

¹² No relato da criação, percebemos que tudo que Deus criou era bom: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom.” (Gn 1, 31). “Viditque Deus cuncta quae fecerat, et erant valde bona.”

¹³ Santo Agostinho viva inquieto em busca da Verdade. Porém, a procurava em lugares onde não se encontrava. Era arrastado pelos prazeres das criaturas. Depois de sua conversão descobre percebe que a Verdade está dentro dele, pois essa Verdade é o próprio Cristo. Dirá em meio as lágrimas: “Tarde te amei, ó Beleza, antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora [...]. Estavas comigo, mas não estavas contido.” (AGUSTIN, 1979, p. 424). “Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi! Et ecce intus eras et ego foris [...]. Mecum eras et tecum non eram.” Interessante observar que a ação de Deus é de dentro para fora. As “lágrimas” são o resultado de sua “análise profunda” de si mesmo, reconhecendo suas “misérias” e desejo de encontrar esta Verdade. Santo Agostinho declara seu erro em “lá fora a procurar-Vos”, pois “Eis que habitáveis dentro de mim.” (BROWN, 2005, p. 196). Assim, o movimento é de dentro para fora. Desta maneira, o cristão é chamado a voltar-se para dentro e perceber que seu grande inimigo mora dentro de si e não fora: seus pecados, suas dúvidas e suas más inclinações.

¹⁴ O termo substância do grego *οὐσία* e do latim *substancia*, na metafísica tradicional é o que é necessariamente aquilo que é. Aristóteles designa *quod quid era esse*, que pode ser traduzida como essência necessária. Aquilo que o ser era, onde o imperfeito “era” indica a continuidade ou estabilidade do ser, seu ser desde sempre e para sempre. Dessa forma, dizer que o mal não é substância, significa que não tem uma consistência ontológica, não o é em si mesmo (NICOLA, 2000, p. 925).

e o mal que estava procurando não é substância, porque se fosse substância seria um bem.” (ibid., p. 228).¹⁵

Enfim, chegou a conclusão que o mal era a corrupção da vontade humana em função de um pecado cometido pelo próprio homem, isso explica a corruptibilidade não só do homem, mas também de sua natureza. Assim, é a vontade desregrada a causa de todos os males. Se essa vontade estivesse em harmonia com a natureza, certamente, esta a salvuardaria e não lhe seria nociva. De onde se segue que a raiz de todos os males não está na natureza. E isso refuta todos aqueles que pretendem responsabilizar a natureza dos seres pelos pecados (id., 1845c, p. 1294).

Não obstante, é inegável a presença do mal neste mundo. Agostinho distinguiu três tipos de mal, a saber: mal ontológico, mal moral e mal físico. Por conseguinte, não existe o mal ontológico ou metafísico, mas moral e físico: “Em absoluto não possui o mal nem para Ti, nem para as tuas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabeleceste.” (id., 1979, p. 289).¹⁶

Em outros termos, o mal não pode estar em Deus, que é o Sumo Bem, mas somente em suas criaturas (não no sentido ontológico), pois o mal é privação ou perversão da vontade que se volta para as criaturas e não para o Criador, o que em Deus não ocorre, e a essa perversão o santo a chama de mal moral ou pecado (id., 2006).

Já o mal físico, como, por exemplo, as doenças, a dor, os sofrimentos e a morte, tem para quem reflete na fé, um significado muito preciso: eles são as consequências do pecado original. São, portanto, consequências do mal moral.

Com exatidão, Deus não é o autor do mal, como diz João Paulo II: “O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas.” (SD, n. 7). De fato, tudo que Deus criou foi bom, belo, verdadeiro, como bem expressa Santo Agostinho (1845b, p. 1134) e todas as coisas resplandecem sua beleza que ultrapassa todas as criaturas:

Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar, interroga a beleza do ar que se dilate e difunde, interroga a beleza do céu [...] interroga todas essas realidades. Todas elas respondem a ti: olha-nos, somos belas [...]. Essas belezas que são mutáveis, quem as fez senão o Belo, não sujeito a mudança?¹⁷

¹⁵ “*Ergo quaecumque sunt, bona sunt, malumque illud, quod quaerebam unde esset, non est substantia, quia, si substantia esset, bonum esset.*”

¹⁶ “*Et tibi omnino non est malum, non solum tibi, sed nec universae creaturae tuae, quia extra non est aliquid, quod irrumpat et corrumpat ordinem, quem imposuisti ei.*”

¹⁷ “*Interroga pulchritudinem terrae, interroga pulchritudinem maris, interroga pulchritudinem dilati et diffusi aeris, interroga pulchritudinem coeli [...] Interroga ista. Respondet tibi omnia: Ecce vide, pulchra sumus [...]. Ista pulchra mutabilia quis fecit, nisi incommutabilis pulcher?*”

Verdadeiramente, Deus como Supremo Criador ama tudo que criou. Mesmo que a criatura se revolte contra Ele e não o ame¹⁸, nunca deixará de amá-la. Amou-as desde a eternidade, e sempre está oferecendo a graça do perdão. Seu amor e perdão testificam sua fidelidade na criação:

Mas tende compaixão de todos, porque podes tudo; e para que se arrependam, fechais os olhos aos pecados dos homens. Amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesse odiado, não a terias feito. E como poderia subsistir alguma coisa se não a tivesse querido? Como conservaria a sua existência se não a tivesse chamado? Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, Tu que amas a vida. (Sb 11, 24-27).¹⁹

Diante destas reflexões, percebe-se que Deus não é o autor do mal, este não foi querido por Ele, todavia uma vez que este entrou no mundo, o Senhor em sua infinita sabedoria o enquadrou em seu plano divino. Logo, Deus todo poderoso nunca deixaria qualquer mal existir em suas obras se não fosse bastante poderoso e bom para fazer resultar o bem próprio do mal, por isso deve-se manter a cabeça erguida, pois depois entrar-se-á para a eternidade²⁰.

Todavia, o sofrimento não é um mal em si mesmo. Pode-se dizer que o homem sofre, quando ele experimenta um mal qualquer. No Antigo Testamento não possuía uma palavra específica para designar o mal, por isso definia como mal tudo que era sofrimento. Já o Novo Testamento, assim como, a versão grega do Antigo, coloca expressões que conotam sofrimento, como: “sou afetado por..., experimento uma sensação, soffro”.

Deste modo, o sofrimento já não é identificado com o mal, senão uma sensação na qual o homem se sente mal e, sentindo-o, como bem expressa João Paulo II (cf. SD, n. 7), torna-se sujeito de sofrimento. Portanto, a realidade do sofrimento leva a questionar quanto à essência do mal, todavia não o é um mal em si mesmo.

¹⁸ O homem tem seu fim último em Deus, que é a fonte da felicidade. Isso significa que por natureza tendo ao bem. O objeto da vontade é o bem, quer dizer que o mal não é querido em si mesmo, a não ser sob aparência de um bem (*sub specie boni*): pensa que é um bem, mas na verdade é um mal, pois para que a vontade se incline para algo não precisa que isso seja bom em realidade, mas que seja conhecida como bom. Como diz o grande sábio Aristóteles no livro II da Física (c. 3, n. 5, 195a, 26), “que o fim é o bem, ou aquilo que aparece como bem.”

¹⁹ “*Sed misereris omnium, quia omnia potes; et dissimulas peccata hominum, propter poenitentia. Diligis enim omnia quae sunt, et nihil odisti eorum quae fecisti; nec enim odiens aliquid constituisti aut fecisti. Quomodo autem posset aliquid permanere, nisi tu voluisses? Aut quod a te vocatum non esset conserveretur? Parcis autem omnibus, quoniam tua sunt, Domine, qui amas animas.*”

²⁰ Assim, somente Deus pode de um mal tirar um bem, isso vemos claramente no pensamento do Apóstolo Paulo quando diz que onde o pecado abundou superabundou ou transbordou a graça de Deus (cf. Rm 5, 20).

2.3 O SILÊNCIO DE DEUS ANTE OS SOFRIMENTOS DE SEUS FILHOS

Um exemplo profundo deste silêncio foi o de Auschwitz que comoveu toda a história humana. O Papa Bento XVI ao ir nesse lugar, com seu coração cheio de compaixão e de dor ao lembrar do grande número de judeus os quais foram mortos, e diante do silêncio de Deus, comove-se e se pergunta por que Deus permitiu tal acontecimento, por que o Senhor silenciou diante de tamanha atrocidade. Apesar de tais questionamentos, o Santo Padre está consciente que nesta atitude de silêncio deve brotar um pedido em voz alta de perdão e reconciliação, trata-se de um grito a Deus de confiança e de abandono nas suas mãos²¹.

Mas porque este silêncio? Por que o Eterno se cala? Por que não se manifesta ante os sofrimentos de seus filhos que clamam por Ele? Tem algo de pedagógico nele? São questionamentos que muitas vezes fogem das categorias humanas, que não se têm uma explicação meramente no âmbito humano, senão sobrenatural, pois neste silêncio revela o amor de Deus, sua voz, como diz o cardeal Robert Sarah:

Deus é um amante silencioso, e um farol tão brilhante que permanece invisível. O verdadeiro amor não fala. O sorriso sem palavras não são os mais belos? O silêncio de Deus é uma voz, a mais profunda de todas.” (SARAH, 2016, p. 363).

Sem dúvidas, é um silêncio que respeita a liberdade humana e não é sinônimo de abandono ou desprezo. Deus não é indiferente para com o sofrimento humano. Esse silêncio pedagógico do Senhor faz com que o homem se volte para Ele com todo seu coração e com toda a sua liberdade: “O silêncio de Deus é, portanto, o espaço da liberdade do homem [...]. A consumação está na obra de plantar.” (FORTE, 1995, p. 92).

Muitas vezes diante destas situações, faltam as palavras e só restarão o silêncio e as lágrimas. Lágrimas de contrição, de conversão e reconciliação. Lágrimas estas que muitos experimentaram em suas vidas, como Santo Agostinho²². É, realmente o silêncio que o ser

²¹ (Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de AUSCHWITZ-BIRKENAU. Em 28 de Maio de 2006. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 12:59:56).

²² As lágrimas são o resultado do arrependimento do pecador que necessita da misericórdia de Deus e de seu perdão. Desta forma, escreve Santo Ambrósio (1996, p. 95-96): “Perdoou de imediato ao próprio Pedro, porque ele chorou amargamente [...]. Se tu também chorares amargamente, Cristo olhará para ti e tua culpa te abandonará.” Assim, aqueles a quem Jesus olha, choram. De fato, vemos que Pedro negou a primeira vez e não chorou, porque o Senhor não o olhara; negou a segunda vez, e não chorou, porque ainda o Senhor não o olhara; negou a terceira vez, Jesus olhou e ele chorou amargamente. (cf. Lc 22, 61-62).

experimental. Silêncio que é abandono confiante nas mãos de Deus, silêncio que tenta buscar respostas, silêncio daquele que espera e confia. Silêncio que não é fracasso, silêncio que não leva ao desespero, senão a um gesto de abandono em Deus por meio da fé.

É o “mesmo” silêncio da Virgem Maria a qual guardava tudo no seu coração, que presenciou a crucificação de seu Filho (Jo 19, 25), que mesmo tendo dado o seu Sim a Deus teve que peregrinar na fé²³, mesmo com as dúvidas, incertezas, questionamentos os quais são próprios da fé²⁴.

O fator comum, de momentos de dor e sofrimento, pelo qual passa o ser humano pode oportunizar um dar-se conta de que ali também está o divino. Ainda que a dor e o sofrimento silenciam-nos e revelam-nos o que não conseguimos explicar, nele Deus se faz presente²⁵, visto que é um silêncio que cria, que transforma e, sobretudo, que dá vida (FORTE, 1995).

Com este silêncio, o homem experimenta que é criatura e que depende totalmente de um Outro, que é o seu Criador. Sendo assim, é um silêncio que purifica, molda, educa e amadurece o homem. Torna-o consciente do amor de Deus, “o silêncio do ser, do qual participam todos os entes enquanto simplesmente existem é como que o eco do Silêncio eterno [...]” (ibid., p. 75).

Inegavelmente através desta experiência²⁶, o homem descobre que Deus é Mistério Inefável, Inacessível em si mesmo, que é Amor. Amor que prova e exige. Que fere e cura, que é Misericórdia e Justiça. Esta atitude silenciosa pede a presença de Alguém (esse Alguém é

²³ A Santa Mãe Igreja, no Compêndio do Concílio Vaticano II (2000, n. 68), salienta que a Virgem Maria, ela como criatura é peregrina (*viatrix*) da fé: “crente” por excelência caminhou na “penumbra da fé.

²⁴ A fé na Sagrada Escritura é um ato que abrange o homem todo, sua confiança, sua fidelidade, sua confiança profunda, seu consentimento intelectual, etc. A veracidade do vocabulário hebraico referente à fé espelha a complexidade espiritual do crente. Duas raízes são, contudo, dominantes: *aman*, conota solidez e confiança e *batah*, a segurança e confiança (VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA, 2002, p. 336). Porém, não é uma realidade “fácil”, pois se trata das realidades que não se veem. (Hb 11, 1).

²⁵ Às vezes, no caminho espiritual, passa-se por “crises de fé”, mas que não levam ao desespero. como diz Frei Inácio Larrañaga a “fé em si mesma é escuridão e incerteza.” (LARRANÁGA, 1975, p. 39).

²⁶ Ainda sobre o silêncio de Deus, o Santo Padre Bento XVI, responde a uma pergunta de uma jovem cujo nome é Sara Simonetta a qual confessa crer em Deus que tocou seu coração e quer sentir próxima d’Ele. Porém, encontra-se numa situação de muitas inseguranças, solidão, questionamentos e isso dificulta falar de Deus com os amigos, visto que alguns veem a Igreja como uma realidade que julga os jovens, que se opõe aos seus desejos de felicidade e de amor. Diante dessa realidade, pergunta ao Santo Padre: “Santidade, neste silêncio, onde está Deus?” O Santo Padre diz-lhe que todos conhecemos o silêncio de Deus. Todavia, devemos suportar este silêncio até para compreender melhor aqueles que não conhecem Deus. Mas, às vezes, faz-se necessário gritar: “Fala, Senhor!” ‘Mostra-te, Senhor!’. O Sumo Pontífice ressaltou que é possível ver Deus através da criação, visto que esta resplandece a bondade do Senhor, contudo, isso só é possível quando se abre o coração (Visita pastoral do Papa Bento XVI a Loreto por ocasião da ágora dos jovens italianos: As respostas do santo padre às perguntas dos jovens durante a vigília de oração. Em 1 de setembro de 2007. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20070901_veglia-loreto.html>. Acesso em: 26.11. 2020. 13:19:44).

Cristo), que a colha a e compreenda a dor, que supere a angústia e dê sentido a morte, a labuta diária; enfim, que enxugue as nossas lágrimas (id., 2003).

O Papa Emérito Bento XVI comentando sobre a tentação de Jesus salienta que se pode perguntar por que Deus não criou um mundo onde sua presença fosse mais manifesta ou por que Cristo não deixou mais esplendor de sua presença que atingisse qualquer pessoa de modo irresistível; entretanto, o Santo Padre responde que isso se trata do mistério de Deus e do homem o qual não podemos penetrar. Neste mundo precisamente não se tem evidência de Deus²⁷ como uma coisa que se possa tocar com a mão, mas pode ser procurado e encontrado somente através do impulso do coração (RATZINGER, 2007)

Na Sagrada Escritura - vê-se, que muitos homens de Deus, de fé, se questionaram também devido a uma série de acontecimentos em suas vidas, o silêncio, e a ausência de Deus. Jó diante do sofrimento que assolava sua vida não aguenta o silêncio de Deus e amaldiçoa o dia de seu nascimento, como foi visto anteriormente (Jó 3, 1-4).

Abraão que foi considerado o Pai na fé também experimentou o sofrimento e o agir de Deus em sua vida quando entrou no deserto da fé ao sair de sua terra e ir para um lugar desconhecido (Hb 11, 8); ao decidir sacrificar (mesmo com o coração inquieto, porém confiante em Deus no cumprimento da Promessa) seu único filho como prova de amor e fidelidade a Deus (Gn 22, 11-13).

O profeta Elias desejou a morte. Este era um profeta passado pelo fogo nas lutas com Deus, temperado como fera na torrente de Claret, onde só comia meio pão levado pelo corvo e bebia da água da torrente. Enfrentava reis, desmascarava poderosos, confundia e exterminava os adoradores de Baal no vale de Cison. Quando a rainha Jezabel enviou mensageiros para anunciá-lo que no dia seguinte o passaria na espada, porque ele executou os sacerdotes de Baal, o profeta Elias saiu em marcha para o monte Horebe, “símbolo da ascensão da alma.” (LARRANÃGA, 1975, p. 58) apavorado, partiu para salvar a sua vida.

²⁷ Muitos cristãos têm um conceito equívoco a respeito da experiência de fé. Insistem em “sentir Deus” e como não podemos tocá-Lo, no sentido empirista do termo, acabam se desanimando e deixando a vida de oração, os grupos, os movimentos e pastorais, pois são facilmente dominados pelas angústias e fraquezas. Outros ainda buscam seitas ou vão para o protestantismo onde se “sentem bem” com choros, arrepios na oração, gritos, as ditas libertações... ou ainda o “aceitei Jesus”. Trata-se, muitas vezes, de cultos e experiências antropocêntricos. Ora, a fé não é sentimentalismo, este é uma heresia que foi condenado pela Igreja; pelo contrário, a fé tanto em seu aspecto objetivo quanto subjetivo sempre é um ato da vontade, como vimos. Em outros termos, isso não significando que a fé não comporte sentimentos, existem sentimentos, pois se ela é adesão da vontade do homem, este pressupõe sentimentos, no entanto, não é sentimento. De fato, uma coisa é comportar sentimentos; outra bem diferente é o sentimento em si mesmo.

Esse profeta chegando a Bersabéia, em Judá, deixou ali o seu servo, e andou pelo deserto um dia de caminho. Sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte: "Basta, Senhor; tira-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais." (1 Rs 19, 4).²⁸

Jeremias não queria mais falar de Deus, pois era motivo de chacota e de zombaria, porém foi seduzido por Deus, sentiu um fogo que o devorava, e logo o profeta não pôde resistir à ação divina, pois o Senhor o havia conquistado:

Seduziste-me, Senhor, fiquei seduzido; mais forte foste do que eu, e prevaleceste; sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim [...]. Eu disse: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não suporto mais. (Jr 20, 7.9).²⁹

A história do povo de Israel é uma história de esperar contra toda esperança. É uma vivência de fé como peregrinação³⁰. Esse povo ao sair do Egito no deserto onde passará por uma longa caminhada na qual experimentou o silêncio de Deus, sua fidelidade, seu amor³¹, mas também as dificuldades, a fome, a sede, o sol, agonia e a morte.

Chegou um momento que Israel convenceu que Deus não existia ou os tinha abandonado e esquecido da Aliança. Em 587 a.C, Jerusalém foi saqueada, arrasada e incendiada, transformada em ruínas. O famoso templo de Salomão foi destruído pelo exército de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Já não se tem lugar de oferecer sacrifício (Jr 39,1-8).

Agora, Israel humilhado, derrotado, não tem nada a oferecer a Deus, a não ser a sua própria vida, para este povo que quer ouvir seus Deus que o libertou do Egito, tal silêncio, é castigo, significa o afastamento de seu Senhor, equivale a um decreto de morte, anuncia o silêncio do xeol em que Deus e o homem não se falam mais. O Senhor provou e humilhou Israel para que este se convertesse efetivamente e depositasse sua confiança n'Ele, não nos deuses:

²⁸ *"Sufficit mihi Domine, tolle animam meam: neque enim melior sum quam patres mei."*

²⁹ *"Seduxisti me, Domine, et seductus sum; fortior me fuisti, et invaluisti; factus sum in derisum tota die, omnes subsannant me [...] et dixi: Non recordabor eius, neque loquar ultra in inomine illius; et factus est in corde meo quae ignis exaestuans, claususque in ossibus meis, et defeci, ferre non sustinen."*

³⁰ Como vimos anteriormente, no Compendêdio do Vaticano II (n. 2, 8, 65), a fé sempre é apresentada pela Igreja como peregrinação, ou seja, sua vivência como peregrinação.

³¹ O deserto é visto nas Sagradas Escrituras como lugar de sofrimento, de prova, de tentação, mas, sobretudo, é um lugar de uma autêntica e transformadora experiência em Deus. Nele o povo de Israel experimentou o amor e o carinho de Deus mesmo diante das infidelidades, idolatrias para com o Senhor: "Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia [...]. Israel era consagrado ao Senhor [...]." (Jr 2, 2-3). *"Vade, et clama in auribus Ierusalem, dicens: 'Recordatus sum tui, miserans adolescentiam tuam, et charitatem desolationis tuae, quando secuta es me in deserto, in terra quae non seminatur. Sanctus Israel Domino [...]."*

E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te afligir, e te testar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos, ou não. E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais: para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca de Deus. (Dt 8, 2-3).³²

Estas foram as “noites escuras” de Israel o qual vai percebendo que Deus é um *Deus absconditus*, ou seja, um Deus oculto, insondável, fiel à sua Promessa e conseqüentemente vai além das categorias humanas: “Verdadeiramente Tu és um Deus oculto, Deus de Israel, salvador.” (Is 45, 15).³³ . Entretanto, o diálogo não está definitivamente interrompido, porque o silêncio de Deus pode ser também um reflexo de sua paciência e de sua bondade nos dias da infidelidade dos homens.

Deus foi conduzindo este povo por meio do sofrimento, foi purificando-o para que se tornasse uma nação fiel à Aliança. Diante da experiência da dor, do fracasso, da humilhação, das infidelidades, Israel volta ao Senhor, e Este não desiste do seu povo escolhido e fala por meio do profeta: “Volta, ó Israel, ao Senhor teu Deus; porque pelos teus pecados tens caído [...]. Eu sararei a sua infidelidade, eu voluntariamente os amarei [...].” (Os 14, 2.5).³⁴

O Deus de Israel não esquece seu povo que escolheu. Pelo contrário, espera sua volta, sofre com ele, está sempre com ele: “O Pai de Israel é um Deus materno que conhece a ternura e a misericórdia, que nos tem sempre sob seu olhar, porque nos tatuou nas suas mãos. E esse Deus é tão materno que se faz pequeno para que nós existamos.” (FORTE, 2003, p. 725)³⁵

Também muitos homens e mulheres de fé experimentaram o sofrimento e o silêncio de Deus em suas vidas, como por exemplo, o grande místico São João da Cruz que passou por um processo de purificação interior, chamado noite do espírito. Esta se trata de um percurso, às

³² “*Et recordaberis cuncti itineris, per quod adduxit te Dominus Deus tuus quadraginta annis per desertum, ut affligeret te, atque tentaret, et nota fierent quae in tuo animo versabantur, utrum custodires mandata illius, an non. Afflixit te penuria, et dedit tibi cibum manna, quod ignorabas tu et patres tui: ut ostenderet tibi quod non in solo pane vivat homo, sed in omni verbo quod egreditur de ore Dei.*”

³³ “*Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel, salvator.*”

³⁴ “*Convertere, Israel, ad Dominum Deum tuum, quoniam corruisti in iniquitate tua [...]. Sanabo contritiones eorum, diligam eos spontanea [...].*”

³⁵ Na Sagrada Escritura nota-se inúmeras vezes duas palavras de origem hebraica *hesed* e *rahamim*. Elas expressam o amor misericordioso de Deus. Amor que é compaixão, bondade, fidelidade, autoação, graça. *Rahamim* é o plural de *rehem*. Este sentimento, segundo os semitas, tem sua sede no seio materno, nas entranhas. É um sentimento muito forte de compaixão, de misericórdia. Deus se comove por dentro, sofre desde sua entranha: “Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? [...] meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se.” (Os 11, 8). *Quomodo dabo te, Ephraim? Protegam te, Israel? [...] Conversum est in me cor meum, Pariter conturbata est poenitudo mea.*” (cf. DUFOUR et al., 2002, p. 594).

vezes muito longo, pelo qual a alma vai se purificando de certas imperfeições e sofre pelo sentimento da ausência de Deus:

Onde é que te escondeste, Amado, e me deixaste com gemido? Como o cervo fugiste, havendo-me ferido; saí, por ti clamando, e eras já ido [...]. Por que, pois, hás chagado este meu coração, e não o saraste? E, já que mo hás roubado, por que assim o deixaste e não tomas o roubo que roubaste? (CRUZ, 1980, p. 15-18).³⁶

São João da Cruz experimenta a ausência de Deus. É a canção de amor entre a alma, que é a esposa e Deus, o Esposo. A alma ferida de amor por seu amado procura ansiosamente a face de d'Ele e não encontra repouso a não ser n'Ele. Isso provoca sofrimento interiores, pois ela estava preenchida de consolações divinas, da presença de Deus que satisfaziam os sentidos; agora Deus lhe rouba tudo e, assim, a pobre alma entra num processo de *secura* espiritual e desejo de Deus, mas não encontra respostas e nem tranquilidade.

Nesse estado, alma está com Deus, mas Este lhe parece está muito distante. É uma sensação de esquecimento, perda, abandono por parte de Deus. Muitas almas são tentadas a cometer pecados graves, como apostatar a fé, duvidar da presença do Sagrado, dentre outros³⁷.

O Beato Charles de Foucauld, beatificado pelo Papa Bento XVI em 2005³⁸, passou também por uma longa crise de fé e uma tremenda solidão na alma. Não encontrava consolo na oração, na adoração experimentava somente vazio, vácuo, aridez, abandono, cansaço, como ele próprio dirá:

³⁶ “¿Adónde te escondiste, Amado, y me dejaste con gemido? Como el ciervo huiste, habiéndome herido; sallí tras ti clamdo, y eras ido [...]. ¿Por qué, pues has llagado aqueste corazón, no le sanaste? Y, pues me le has robado ¿por qué así le dejaste y no tomas el robo que robaste?”

³⁷ No caminho da vida espiritual a alma passa por um processo de purificação interior por parte de Deus. Trata-se das noites da alma: a do sentido e do espírito. Referindo-se a esta, São João da Cruz diz que é como descer aos infernos vivo por causa da tamanha dor e “ausência de Deus”, mas não de desespero. É uma noite de muito sofrimento que não transparece no rosto. A noite do espírito é uma comunicação profunda de Deus. Não é ausência de Deus, mas presença de Deus comunicada no mais íntimo da alma, dos sentidos. É o excesso da luz na alma, porém como a alma não está acostumada com essa realidade, é normal que passe por um processo de dor, solidão e sentimento absoluto da ausência de Deus. A noite do espírito constitui por uma série de purificações passivas extremamente dolorosas, que tem como objeto a purificação da alma que já foi iniciada com a noite do sentido. Diz São João Da Cruz: “De onde, para maior esclarecimento do que foi dito e do que se há de dizer, conveniente aqui notar que esta purgação e amorosa notícia ou luz divina que aqui dizemos, da mesma maneira se há na alma, purgando-a e dispondo-a para uni-la perfeitamente consigo.” (São João da Cruz apud MARÍN, 1968, p. 409). “*De onde, para mayor claridade de lo dicho y de lo que se há de decir, conveniente aqui anotar que esta purgativa y amorosa noticia o luz divina que a quí décimos, de la misma manera se há em el alma, purgándola y disponiéndola para unirla consigo perfectamente [...].*”

³⁸ Na manhã do dia 13 de novembro de 2005, o servo de Deus Charles de Foucauld foi proclamado Beato (cf. BENTO XVI, Papa. Angelus. Em 13 novembro de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2005/documents/hf_ben_xvi_ang_20051113.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 13:46:19).

Tudo é penoso para mim [...] comunhão, oração [...] tudo, até dizer mesmo a Jesus que o amo [...] preciso agarrar-me à vida de fé. Se ao menos sentisse que Jesus me ama. Mas Ele não me diz nunca. Diante do Santíssimo Sacramento [...] tudo me parece vazio, vazio, oco, nulo, sem proporção, excerto o fato de estar ali aos pés de Nosso Senhor e de olhá-lo [...] e depois, quando estou a seus pés, fico seco, árido, sem palavras ou pensamentos, e muitas vezes, ah, acabo dormindo. Já são quatro noites, no mínimo que adormeço enquanto escrevo estas pequenas meditações. (apud LEPETIT, 1982, p. 62).

Também Madre Tereza de Calcutá, que apesar de toda a sua caridade, sofria o silêncio e ausência do Senhor. Durante cinquenta anos que sua alma sofria uma dor intensa marcada por uma tristeza profunda, uma espécie de vazio e secura da alma³⁹. Chegou a duvidar da presença de Deus em sua vida, mas esse sentimento de abandono, era na verdade, a saudade de Deus, a saudade do Infinito. Sua alegria consistia em um sair de si mesma ao encontro dos pobres. No fundo sua alma compreendia que tinha algo de divino, era Deus purificando sua alma. Oferecia esse sofrimento pela salvação das almas:

Agora, padre - desde 49 ou 50 anos esta terrível sensação de perda - esta escuridão indizível- esta solidão - esta ânsia permanente por Deus - que provoca esta dor no mais fundo do meu coração. - A escuridão é tal, que realmente não vejo nada - nem com a mente nem com a razão- o lugar de Deus na, minha alma é um espaço vazio. -Não há Deus em mim - Quando a dor ânsia é tão grande- só anseio e anseio por Deus - e é então que sinto - que Ele não me quer - que Ele não está ali.- [...]. Deus não me quer.- Às vezes - apenas ouço o meu próprio coração a gritar- 'meu Deus' e não sei mais nada.- A tortura e a dor [...] eu não sei explicar. (CALCUTÁ, 2008, p. 13-14).

Essas experiências de sofrimentos, angústias, essa dor e sensação de abandono que alma experimenta são permitidas por Deus para o crescimento espiritual, pois muitas almas não conseguiriam chegar a perfeição se não passassem por esse processo de purificação interior.

³⁹ Faz-se importante distinguir entre esse fenômeno espiritual, que é atuação de Deus na alma, o qual se chama “noite do espírito” das doenças psicológicas ou vindas da própria natureza temperamental da pessoa como por exemplo: timidez, melancolia, tendência a depressão, inquietações, medos, etc. A distinção é importante porque alguns sinais são muito semelhantes, como por exemplo, uma pessoa passando por uma purificação interior pode sentir uma tristeza profunda a qual pode ser confundida como sintoma depressivo. Portanto, eis alguns elementos para saber se se trata de uma purificação passiva da neurastenia. Nesta os sintomas correntes são a fadiga quase permanente, com sensação de abatimento e desgosto; dores de cabeça habituais, dores na nuca ou na coluna vertebral, insônia, fadiga, dificuldades intelectuais, emoções intensas por causas insignificantes que faz crer em enfermidades que não existem. Referente a noite escura, três coisas a destacar, a saber: a primeira é que assim como não tem gosto e nem consolo pelas coisas de Deus, tampouco terá por alguma das coisas criadas, pois se tivesse, seria evidente que o desgosto de Deus obedece à disposição da alma. Assim os tífios não têm gosto pelas coisas de Deus, senão para com as do mundo. A segunda é que a alma traz à memória em Deus com solicitude e cuidado penoso, pensando que não serve a Deus, senão que volta atrás. A terceira é não se consegue meditar nem discorrer no sentido da imaginação (MARÍN, 1968, p. 398).

Então, é o próprio Deus agindo misteriosamente no íntimo da alma. Ora, o mérito de uma pessoa que ama Jesus Cristo conforme Santo Afonso (1996, p. 59), consiste em “sofrer e amar.”

Consequentemente, não se tem como separar o amor do sofrimento, pois bem como afirma São Josemaría Escrivá (1987, n. 791) “quando estiveres doente, oferece com amor os teus sofrimentos, e eles se converterão em incenso que se eleva em hora a Deus e que te santifica.” Ou ainda, segundo o Apóstolo Paulo: “A caridade é paciente, é bondosa [...] não se irrita, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (I Cor. 13, 4. 5. 7).⁴⁰ Certamente os santos souberam vivenciar a caridade em suas vidas. Era o amar a Deus e ao próximo que os sustentava⁴¹.

Nota-se, que o sofrimento é uma realidade que atingem a todos e não podemos perscrutar o segredo de Deus vemos apenas fragmentos e enganamo-nos se pretendemos eleger-nos a juízes de Deus e da história. Assim, o homem é chamado a unir seu sofrimento ao de Cristo. Este que o compreende e somente pode dar-lhe sentido, pois assumiu a natureza humana, como veremos neste próximo capítulo.

⁴⁰ “*Charitas patiens est, benigna est. [...] non irritatur [...] omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.*”

⁴¹ Muitos santos passaram por estas experiências, visto que Deus quando quer levantar uma alma a uma perfeição muito alta a submete largamente e com intensidade a dolorosas purificações do sentido. Assim, São Francisco de Assis esteve dez anos em tais provas purgativas; Santa Teresa, dezoito; Santa Clara de Montefalco, quinze; Santa Catarina de Bolonha, cinco; Santa Madalena de Pazzis, cinco anos primeiramente e depois mais dezesseis; o Venerado Baltasar Alvarez, dezesseis (MARÍN, 1968, p. 405).

3 DEUS VEM AO ENCONTRO DO SOFRIMENTO DO HOMEM EM SEU FILHO

3.1 O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO DO VERBO

A Encarnação é uma verdade central da fé cristã com que se indica a entrada do Filho eterno, que é o Logos, Verbo ou Palavra, na história dos homens assumindo a humanidade humana, corpo e alma - Jesus de Nazaré, filho de Maria, como própria, sem deixar de ser Deus (BOUYER, 1999).

Na Sagrada Escritura, não se usa o termo “Encarnação”, mas o é bem expressado pelo evangelista João com a expressão grega “*Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο*”, que significa: “e o Verbo se fez carne”:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. **E o Verbo se fez Carne** e habitou entre nós, e vimos sua glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e verdade. (Jo 1, 1.14, grifo nosso).⁴²

Sendo o termo “carne” entendido no sentido hebraico, conotando uma humanidade frágil e incapaz de prover totalmente a si mesma. Dizer que o Verbo se fez carne, significa que na Encarnação houve a união das duas naturezas, a saber, divina e humana, na única Pessoa do Verbo, como diz São Tomás de Aquino: “Mas a unidade de pessoa é a que se constitui desses dois princípios é um subsistente no corpo e na alma [...], pois um só Cristo subiste na natureza divina e humana.” (S. Th. III, q. 2. a .1).

Isso significa que Jesus assumiu efetivamente tudo que é humano (cf. Hb 10, 5)⁴³, ou seja, tudo que faz parte da psicologia humana: alma, sentimentos, pensamentos, vontade,

⁴² “*ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.*”

⁴³ Houve, durante a história da Igreja, muitas heresias que acabavam negando seja a divindade de Jesus, seja sua humanidade. São as chamadas heresias cristológicas as quais foram combatidas nos Concílios. Dentre as heresias, destacam-se o Arianismo. Vem da doutrina de Ário (260-336), padre cristão de Alexandria (Egito), que afirmava ser Cristo a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, negava-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade. Para este o Filho seria inferior ao Pai. Foi combatida no Concílio de Nicéia em 325. Este Concílio afirma que Cristo é consubstancial ao Pai, quer dizer *homoousios*. Este termo provém da junção de *ὁμός* (*homos*), que significa “o mesmo”, e *ούσιος* (*ousios*), proveniente de *οὐσία* (*ousía*), que significa substância ou essência. Assim, o termo tem o sentido de “da mesma substância, com a mesma essência”. (LACOSTE, 2004, p.180). O Apolinarismo. Doutrina ensinada pelo heresiarca Apolinário (315-392), bispo de Laodiceia, o qual não reconhecia a existência da alma humana em Jesus Cristo, substituindo-a pela ação divina do Verbo. Apolinário quer salvaguardar a unidade de Cristo, Deus encarnado, Verbo feito carne, contra a concepção que nele veria a união de duas pessoas, mas como bom niceano, que é, salvaguarda sua divindade. Recusa, então, toda concepção que nele veria um homem privilegiado pela graça divina, toda teologia do homem “adotado” por Deus. Mas para assegurar a unidade substancial da carne com o Verbo, ele exclui do ser de Cristo o *noûs*, o espírito, o

desejos e mente humana para torná-los mais perfeitos (S. Th. III, q. 5, a. 4). Durante a sua vida Jesus esconde a glória divina na humanidade em forma de servo e se manifesta com muita reserva nas palavras, porque a Encarnação era em função do despojamento final da cruz.

Muitos Padres da Igreja enfatizaram a Encarnação, como por exemplo, João Crisóstomo (apud ALTANER; STUIBER, 1972, p. 331) o qual atesta nitidamente a fé em duas naturezas distintas em Cristo: “Quando digo um Cristo, quero afirmar união e não confusão; uma natureza não se transforma na outra, mas somente foi-lhe unida.” Em outras palavras, há uma perfeita harmonia entre a natureza humana e a divina. A natureza humana é elevada em Cristo e plenificada na Ressurreição.

A teologia de santo Atanásio sobre o *Logos*, enraíza-se sobretudo na ideia da redenção. Segundo ele: “Não teríamos sido resgatados, se Deus mesmo não houvesse assumido nossa natureza humana.” (ibid., p. 282). Dessa forma, o *Logos* assumindo a natureza humana, divinizou a humanidade e triunfando da morte para si mesmo, triunfou para todos nós sem perder a condição divina (ibid., p. 282). Logo, a Encarnação do Verbo para Santo Atanásio é o remédio para a corrupção da natureza humana. Consequentemente sem ela o homem não poderia ser restaurado e nem voltado a condição original. (QUASTEN, 1985).

Gregório de Nazianzo, refutando a heresia de Apolinário, defende a humanidade de Cristo afirmando que esta é uma *physis*, porque consta de corpo e alma. Assim, salvaguarda a doutrina essencial da humanidade de Cristo, visto que dizer que em Cristo há corpo e alma significa há duas naturezas - Deus e homem. E consequentemente todo aquele que não mantém que em Cristo não há uma alma humana está fazendo uma separação entre Deus e o homem. (ibid.)

Já São Basílio esclarece que não basta enumerar as diferenças de Pessoa, (em grego *πρόσωπον*), mas tem que confessar que cada Pessoa existe em uma subsistência verdadeira, em

intelecto racional, na medida que é capaz de autodeterminar-se: é o elemento divino, a divindade, o Espírito de Deus que ocupa seu lugar (ibid., p. 170). O Adocianismo nasce no século II, que distinguia em Cristo uma natureza divina de outra humana, afirmando que o homem Jesus de Nazaré era filho de Deus apenas por adoção. Assim, a divindade do Filho de Deus está separada de sua humanidade, considerada como “adotada”: a filiação de Cristo é natural no nível da divindade, mas adotiva e fruto da graça no nível da humanidade: *unigenitus in natura, primogenitus in adoptione et gratia* (ibid., p. 62-63). O Monofisismo (de monos, único” e *physis*, “natureza”), doutrina que refutava a definição ortodoxa da Igreja de que Jesus Cristo tinha duas naturezas completas, a humana e a divina. Defende que, depois da união do divino e do humano na encarnação histórica, Jesus Cristo, como encarnação do Filho ou Verbo (*Logos*) de Deus, teria apenas uma única “natureza”, a divina, e não uma síntese de ambas (ibid., p. 1183-11886). Monotelismo e Monoenergismo, são dois aspectos de uma mesma doutrina que foi condenada pelo Concílio de Latrão (649) e pelo de Constantinopla (681). Afirmava a única vontade (*thelema*) e a única atividade, operação ou energia de Cristo. Admitia que a vontade humana fora absorvida pela divina (ibid., p. 1191-1192).

uma *hypostasis* (ibid.). Essa união hipostática, como bem afirma o Concílio de Calcedônia, seguindo a Sagrada Tradição, não se faz confusão nas duas naturezas:

Segundo pois, os santos Padres, com unanimidade ensinamos que [...] o Senhor nosso Jesus Cristo perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem [...] reconhecido em duas naturezas sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo num só pessoa e numa só hipóstase; dividido ou separado em duas pessoas, mas um único mas o único e mesmo Filho Unigênito Deus Verbo o Senhor Jesus Cristo [...]. (DH, n. 301-302).

Mas por que o Verbo que desde a eternidade foi gerado pelo Pai, o superior aos anjos, assumiu a natureza humana? Ora, a carta aos Hebreus explica o motivo desta *quenose*, deste rebaixamento, esvaziamento do Verbo: “Onde teve que assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, para ser misericordioso e sumo sacerdote fiel no que toca a Deus, em ordem a perdoar os pecados do povo.” (Hb 2, 17)⁴⁴.

Assim o Verbo assumindo a carne humana é capaz de ter compaixão de todos. Em Cristo a *hesed* de Deus se prolonga em toda a humanidade. Tudo é atingido e transformado por esta misericórdia e amor incondicionais. Agora, o homem pode ver e tocar Deus e, sobretudo, viver n’Ele como nos diz Santo Irineu (1995, p. 249) “a glória de Deus é o homem que vive e a vida do homem consiste na visão de Deus.”

Dessa forma, a Encarnação é a demonstração por excelência do Amor de Deus para com os homens, já que nela é o próprio Deus que se entrega aos homens, fazendo-se participante da natureza humana, na unidade da pessoa, visto que após a queda de Adão e Eva no paraíso, a Encarnação tem uma finalidade salvadora e redentora, como se professa no Credo: “[...] por nós homens e para nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem [...]” (DH, n. 150).

Agora, o Pai que permanecia “oculto”, manifesta-se na Palavra que rompendo o silêncio vem ao encontro do sofrimento do homem para se compadecer dele e conferir um novo sentido, visto que Cristo sendo provado no sofrimento, pode ajudar aos que se encontram neste estado, como diz o autor sagrado (Hb 2, 18). Essa Palavra não é uma realidade vazia, abstrata, senão a “*dabar*” de Deus a qual é cheia de significado, que faz aquilo que diz. Além disso, por meio

⁴⁴ “*Unde debuit per omnia fratribus similare, ut misericors fieret et fidelis pontifex in iis, quae sunt ad Deum, ut repropitiaret delecta Populi.*”

dela tudo foi criado e também através dela tudo pode ser transformado, quis entrar na história humana (FORTE, 1995).

Santo Tomás de Aquino ao falar da Encarnação, explica que o termo “homem” significa concretamente a natureza humana. Portanto, o Filho de Deus não é o homem que ele assumiu, pois Ele não assumiu um homem, mas uma natureza humana ainda não hipostasiada. Em consequência, ele é “aquele do qual ele assumiu a natureza”, não como este fosse um homem preexistente que não ele mesmo, do qual teria se apropriado. Assim, ele é homem o qual pertence a natureza a partir do momento em que ele assumiu, sendo que esta jamais pertenceu a outro que não ele mesmo (S. Th. III. q. 4, a. 3).

O *Logos* que desde sempre estava junto ao Pai agora habita e faz parte da história humana. Cristo veio ao mundo para redimir e entregar tudo ao Pai. Neste sentido, toda a criação faz parte desta realidade de recapitulação:

O movimento de descida foi, porém, concebido desde o início tendo em vista o movimento de subida: no Espírito pelo Filho tudo retorna ao Pai. Por isso a Igreja das origens confessa que a criação ocorreu não só por meio de Cristo, mas também em vista dele, que recapitula todo o criado. [...]. O valor cósmico da encarnação está, pois, a dizer que o Verbo, assumindo a natureza humana, assumiu de certa forma o universo inteiro, para tudo redimir e entregar um dia ao Pai. (FORTE, 1991, p. 151-152).

Sendo assim, o Filho de Deus ao encarnar-se⁴⁵ assumiu verdadeiramente a carne humana, assim, pode compreender todas as angústias e sofrimento do homem, pois como homem ele o experimentou, esvaziando-se a si mesmo, fazendo-se semelhante ao homem, se, deixar de ser Deus, como bem ressalta Doutor da Graça, Santo Agostinho: “Despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo para tornar-se servo, mas não perdeu a plenitude da forma de Deus.” (Santo Agostinho apud. S. Th. III, q. 5, a. 1).

Por conseguinte, o Filho de Deus assumindo um corpo verdadeiro, em nada diminuiu sua dignidade⁴⁶. É somente o amor que é capaz de se tornar servo. É a beleza da caridade que

⁴⁵ Quando se usa o termo “encarnação” refere-se à Trindade, quer dizer, é obra da Trindade. Mas quando fala “encarnar-se”, ou seja, em terceira pessoa, na voz passiva, refere-se somente ao Filho, visto que foi somente Este que se encarnou e assumiu a natureza humana. (DH, 301-3020), ver também (Jo 1, 1.14).

⁴⁶ Na noite luminosa do Natal, celebra-se o Mistério central de nossa fé: O Verbo Eterno de Deus, sem deixar a sua condição divina assume a natureza humana, encarnando-se no seio da Virgem Maria. O Concílio de Calcedônia, como vimos, estabeleceu a distinção das duas naturezas, a saber: divina - humana, e a unidade de cada uma delas na única Pessoa de Cristo. Elas não se dividem, não se separam, nem se misturam e tampouco se confundem (cf. DH, 301-302). Ora, não pode haver maior “paradoxo” à razão humana do que dizer que o Deus experimentado e vivido pelo Cristianismo não é somente o Deus transcendente, eterno, infinito, mas é também o Deus que se comunica, que se doa, que sai de si para conferir a sua graça na

leva o Deus imortal a se fazer pobre e prisioneiro da morte para nos tornar ricos, a escolher para si a forma de escravo para nos dar a condição de filhos, assumir uma carne semelhante à do pecado, para assim libertar o homem da escravidão do pecado.

A Encarnação é uma realidade superior a morte de cruz, pois é algo que ultrapassa o entendimento humano, certamente, fazer-se homem foi um rebaixamento maior do que morrer numa cruz, pois é normal para o homem morrer e ser condenado até injustamente, porém não é nada normal para Deus fazer-se homem. Quer dizer, não é normal o Filho Eterno, gerado pelo Pai, encarnar-se e assumir tudo que é humano, menos o pecado, pois este não faz parte da natureza humana.

O Filho unigênito foi dado à humanidade para proteger o homem de todo mal, sobretudo, do sofrimento definitivo, ou seja, a perda da vida eterna. Em outros termos, a missão do Filho de Deus consiste em vencer o pecado e a morte na sua raiz. Ele venceu o pecado com a sua obediência até a morte e vence a morte com a sua ressurreição. Através de seu sofrimento todos os pecados são cancelados, como diz João Paulo II:

Com seu sofrimento, os pecados são cancelados precisamente porque só ele, como Filho unigênito, podia tomá-los sobre si, assumi-los com aquele amor para com o Pai que supera o mal de todos os pecados; num certo sentido, ele aniquila este mal, no plano espiritual das relações entre Deus e a humanidade, e enche o espaço criado com o bem. (SD, n. 19).

Jesus, mesmo sendo Filho, sofreu muito por causa da obediência. Ele entre clamor e lágrimas dirigia-se ao Pai que podia salvá-Lo e livrá-Lo da morte. E como bem expressa a Sagrada Escritura, Ele foi atendido⁴⁷. Essa obediência fazia parte de sua missão e por meio dela o homem é salvo:

fragilidade e pequenez de uma criança. Mas como entender que este homem - Jesus de Nazaré, submetido ao tempo é ao mesmo tempo Deus, que foi gerado desde a eternidade pelo seu Pai? Como entender que Ele é capaz de transformar efetivamente a vida de uma pessoa e dá sentido a todo sofrimento? Certamente, estas respostas devem brotar de um ato de fé, não simplesmente de uma concepção racional. Gozando de uma felicidade perfeita e infinita, não tinha Ele necessidade do homem nem dos Anjos. O amor O levou a tirar do nada inúmeras criaturas, concedendo-lhes a possibilidade de participarem de sua Vida. Foi por essa razão que "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós". Mas a Encarnação foi apenas o primeiro passo em sua via de dileção por nós. Ele se fará nosso companheiro de todos os dias, sofrendo conosco e dando forças na caminhada rumo ao Céus. Ele é o amigo de nossa existência, porque o homem sendo fraco, Ele veio o sustentar, por ele inconstante, Ele veio permanecer com ele; por muitas vezes não saber o caminho, Ele se fez visível na sua carne; porque vive em trevas, Ele apareceu como luz; porque o homem na condição pecadora não podia subir a Deus, assim o próprio Deus em seu Filho desceu para o elevar.

⁴⁷ Cristo foi atendido na Ressurreição. O Pai não deixou o Filho perecer na região dos mortos. Jesus era consciente que era preciso morrer para que fôssemos mortos em sua morte para ganharmos graça da Vida Eterna. Contudo, mesmo diante das lágrimas, dores, medos e sofrimentos, Ele confiança no Pai e se abandona n'Ele. Isso era o que o sustentava e sustentava também toda sua missão. Enfim, toda a vida de Jesus foi uma

O qual, nos dias de sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E sendo, Ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem. (Hb 5, 7-9).⁴⁸

Além disso, na Encarnação, Cristo tornou-se incessantemente próximo do mundo do sofrimento humano. Ele mesmo sendo da mesma natureza que o Pai sofre como homem. Era sensível a toda espécie de sofrimento, tanto do corpo como da alma. João Paulo II enfatiza em sua carta encíclica *“Salvifici Doloris”*, que Cristo curava os doentes, consoava os aflitos, dava de comer aos famintos. “O redentor sofreu no lugar do homem e em favor do homem. Todo homem tem participação na redenção.” (SD, n. 19). Contudo, somente Ele é capaz de abarcar a extensão do mal contido no homem.

Logo, todo sofrimento do homem tem caráter salvífico e encontra seu sentido último em Cristo o qual é o único que pode dar sentido e responder os desejos mais profundos do homem. Ademais, o Filho de Deus responde a pergunta sobre o porquê e o sentido do sofrimento, não apenas com o seu ensino, isto é, com a Boa Nova ou anúncio do Reino de Deus - que é Ele mesmo, mas primeiramente com o próprio sofrimento, que está integrado, de um modo orgânico e indissolúvel, com os ensinamentos da Boa Nova.

Portanto, o homem não pode separar o sofrimento da missão. A sua própria missão é marcada de luta e sofrimento e este é uma condição *sine qua non* (sem a qual) não se pode chegar a Vida Eterna, que o fim último do homem criado a imagem e semelhança de Deus. Resta-lhe, então, ressignificar as experiências dolorosas, dando-lhes um novo sentido ou significado⁴⁹. Mas como deve ser sua resposta diante de tudo isso? É o que veremos neste próximo capítulo.

perfeita obediência aos desígnios de seu *Aba*, bem como expressa a Sagrada Escritura que o Filho desceu do céu para fazer a vontade do Pai (Jo 6, 38).

⁴⁸ *“Qui in diebus carnis suae preces, supplicationesque ad eum qui possit illum salvum facere a morte cum clamore valido, et lacrymis offerens, exauditus est pro sua reverencia. Et quidem cum esset Filius Dei, didicit ex iis, quae passus est, obedientiam: et consummatus, factus est omnibus obtemperantibus sibi, causa salutis aeternae”*.

⁴⁹ Existe um pensamento de Viktor Frankl, criador da Logoterapia, que diz: “Quando a situação for boa, desfrute-a. Quando a situação for ruim, transforme-a. Quando a situação não puder ser transformada, transforme-se.” (FUKS, Rebeca. Resumo da Biografia de Viktor Frankl: Neuropsiquiatra austríaco criador da logoterapia. Em 18 de novembro de 20019. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/viktor_frankl/>. Acesso em: 25. nov. 2020. 14:55:30). Para os cristãos o sentido da vida é Cristo; somente Ele pode fazer tal ressignificação na vida de qualquer um.

4 A RESPOSTA DO HOMEM DIANTE DO SOFRIMENTO

4.1 PARTICIPANTES DO SOFRIMENTO DE CRISTO

Com a vinda de Cristo o sofrimento humano toma novo sentido, porque Cristo abriu o seu sofrimento ao homem, pois Ele próprio, no seu sofrimento redentor, tornou-se participante de todos os sofrimentos humanos. Assim, ao descobrir a fé, o sofrimento redentor de Cristo, o homem descobre nele, ao mesmo tempo, o próprio sofrimento, “na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido.” (SD, n. 18). Em outras palavras, o ser humano encontra no sofrimento de Cristo o sentido para o seu, Cristo sofreu no lugar do homem:

Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si [...]. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades. [...]. (Is 53, 3-5).⁵⁰

Graças a este sofrimento o homem foi reconciliado com Deus, foi curado nas suas chagas: “E pelas chagas dele fomos curados.” (Is 53, 5).⁵¹ Dessa forma, todos homens com seu sofrimento podem tornar-se participantes do sofrimento redentor de Jesus. Cada cristão carrega em seu corpo os sofrimentos de Jesus e por isso pode dizer com a certeza que Deus está com ele.

Diante do que foi exposto até o presente momento deste trabalho, resta-nos questionar: Qual deve ser a atitude do homem diante do sofrimento? Como deve reagir e responder quando vier a dor, as angústias, as perseguições e incompreensões? Certamente, diante dessas realidades permitidas por Deus para o bem e crescimento espiritual da alma, pode-se ter três atitudes, a saber:

A primeira, seria um sentimento de desespero total que culminaria numa apostatação da fé, cairia numa espécie de ateísmo niilista (que significa “nada”). Quer dizer, nada teria

⁵⁰ “*Despectum, et novissimum virorum, Virum dolorum, et scientem infirmitatem; et quase absconditus vultus eius et despectus, unde nec reputavimus eum. Vere languores nostros ipse tulit, et Dolores nostros ipse portavit [...]. Ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras [...].*”

⁵¹ “*Et livore eius sanati sumus.*”

sentido: as realidades cridas e nem o próprio Deus, pois o Criador não existiria ou se existisse seria um Deus distante do homem⁵², como os deuses dos pagãos, não seria um deus pessoal.

Uma segunda atitude, seria uma espécie de ateísmo prático, ou seja, que Deus exista ou não, isso é indiferente. Aqui se gera um viver na superficialidade, uma dureza de coração, sem intimidade com o transcendente, sem vivência da fé. Trata-se de um fenômeno particularmente perigoso para a fé, é muito velado, sutil, no qual não se negam as verdades da fé ou os ritos religiosos, mas simplesmente se consideram irrelevantes para a existência quotidiana. Chegaria esse modo num ato destrutivo, porque leva à indiferença à fé e à questão de Deus, como bem salientou Bento XVI⁵³.

A terceira, é a resposta do crente⁵⁴, daquele que esperou em Deus, esperou contra toda esperança, confiou mesmo envolto de cruzes e escuridões, mas em seu íntimo reconhecia em

⁵² Muitas pessoas são levadas ao ateísmo porque não encontraram respostas às suas perguntas existenciais como: a origem do mal: se Deus é bom, por que o mal? O porquê do sofrimento? Por que Deus permite o sofrimento de seus filhos, principalmente dos inocentes? Sobre a morte: se Deus é Pai bondoso, amoroso, por que as mortes trágicas, repentinas, inclusive de pessoas de igreja? Ou seja, muitas vezes, “o ateísmo nasce da revolta contra o mal do mundo ou da indevida transferência o mesmo caráter absoluto a certos bens humanos que ocupam o lugar de Deus na compreensão.” (DH, 4319). Na verdade, o ateísmo não passa de um “grito” desesperado por Deus. Pessoas que se dizem ateias são afetivamente feridas, carregam traumas em suas vidas visto que não encontraram respostas às suas perguntas. Muitas não tiveram um sadio relacionamento com seus pais e, conseqüentemente não conseguem ver Deus como pai. Quantos vemos notamos expressões, tais como: “Ou Deus não existe, ou, se existe, não é bom... ou é necessário arranjar outro significado para a palavra bondade”; “Se Deus é bom, por que o mal?”; “Se Deus existe, não age no mundo, não se ocupa dele”; Se Deus existe, o mundo é o seu campo de caça!; “Diante do mal no mundo, a única desculpa para Deus é que ele não existe.”. Na verdade, os que não acreditam em Deus sempre usaram o mal para afirmar o seu ateísmo. O ateísmo não tem fundamento, é incoerente. O homem não é “causa sui” (causa de si mesmo), a criatura não pode existir sem o Criador. Assim, o homem tem que crer e abrir seu coração para Deus e experimentar o seu amor misericordioso que vai além dos seus questionamentos e conflitos existenciais. Deve deixar-se guiar pela humildade em reconhecer a beleza presente no mundo, como diz o filósofo Luiz Pondé o qual era ateu: “Percebo uma certa beleza, uma certa misericórdia no mundo, que não consigo deduzir a partir dos seres humanos, tampouco de mim mesmo. Tenho a clara sensação de que às vezes acontecem milagres. Só encontro isso na tradição teológica.” (PONDÉ, Luiz Felipe. Respostas ao ateísmo. Em 09 de agosto de 2013. Disponível em: < <http://www.respostasaoateismo.com/2013/08/filosofo-luiz-felipe-ponde-explica-por.html>>. Acesso em: 12 nov. 2020. 16:10:07).

⁵³ (BENTO XVI, Papa. O ano da fé. Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 15:32:43).

⁵⁴ Muitas vezes é usada a expressão “crente” ou até mesmo “evangélico” para se referir aos protestantes. Mas são termos equívocos. Os ditos “crentes”, “evangélicos”, são na verdade, protestantes. O protestantismo surgiu com Martinho Lutero o qual foi excomungado pela Igreja por meio da Bula “*Exsurge Domine*” do Papa Leão X em 15 junho de 1520 (cf. DH, 1451-1492). A Igreja Católica sempre convidou os protestantes e outros não - católicos a se unirem a Igreja de Cristo: “Ninguém pode contestar e duvidar que o próprio Cristo Jesus, para aplicar a todas as gerações humanas os frutos da sua redenção, tenha edificado aqui na terra, sobre Pedro, a sua única Igreja, isto é, a uma, santa, católica, apostólica, e que lhe conferiu todo o poder necessário para que seja guardado integro e inviolado o depósito da fé e para que esta fé seja transmitida a todos os povos, gentes e nações, para que por meio do batismo todos os homens sejam unidos ao seu Corpo místico ... e para que a mesma Igreja, que constitui o seu Corpo místico, persista na sua própria natureza sempre estável e firme até a consumação dos séculos.” (ibid., 2997). Assim, os crentes são todos os batizados, os cristãos: “A Igreja reclama para os crentes a liberdade efetiva, que lhes permita edificar neste mundo também o templo de Deus. Quanto aos ateus, convida-os cordialmente a considerar o Evangelho de Cristo de coração aberto.” (ibid., 4322).

quem depositou a sua fé e o autor desta, e não iria ser decepcionado ou abandonado. É, portanto, uma atitude de abandono nas Mãos de Deus que dirige os passos do homem. É ainda daquele que sabe que “a oração é um dom da graça e uma resposta decidida de nossa parte. Supõe sempre um esforço.” (CIC, 2725).

Dessa maneira, é no esforço, na perseverança, na insistência que a graça divina acontece. Deus quer que “nosso desejo seja provado na oração. Assim, Ele nos prepara para receber aquilo que Ele está pronto para dar.” (Santo Agostinho apud CIC, 2737).

Por conseguinte, o homem não é passivo diante dos acontecimentos, senão ativo. Cabe-lhe dar uma resposta com os olhos fixos em Cristo. Deve fazer suas as palavras do Apóstolo Paulo: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim. E esse viver que vivo na carne, vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim.” (Gl 2, 20).⁵⁵

Contudo, essa experiência só será efetiva por meio da fé, de um profundo contato com Deus onde o homem tornar-se consciente que quem toma sempre a iniciativa é Deus. E é sempre Ele quem nos faz entrar na sua intimidade, revelando-se e doando-nos a graça para poder acolher esta revelação na fé.

Portanto, na Encarnação, o Senhor assumiu a carne humana divinizando-a. Dessa forma, todas as tribulações do homem, suas angústias, decepções, sofrimentos são do próprio Cristo. Ele os toma para si. Diante da cruz, diante da dor o homem lança seu grito a Deus, que não é desespero, mas um socorro para que Ele não o abandone.

Esse grito desperta na pessoa humana a presença escondida de Deus a qual muitas vezes é sufocada pelo egoísmo, pelo medo e pela frieza de coração. É um grito humilde que penetra o coração do próprio homem e faz delatar de compaixão o coração de Deus: “Pois o homem humilde, no sofrimento escuta, sonda, procura “ver”, enxergar longe [...] (MOHANA, 1984, p. 67). Na verdade, “seu interesse é não tanto vencer o sofrimento, mas descobrir a intenção do sofrimento. Procura o plano divino por trás da cortina escura de sua dor.” (ibid., p. 67).

É um grito daquele que não entende, mas confiança que não será abandonado por Deus. É o amém do homem que se depara com o amém divino. Deus e o homem sofrem juntos. No aniquilamento do homem realiza-se também o aniquilamento de Deus, que amor e quis entrar na história humana:

O ‘amém’ do homem é resposta ao ‘amém’ divino: aquele que entrega é fruto de outra entrega. Deus se doa a Deus no coração do homem: e o homem

⁵⁵ “*Vivo autem, iam non ego, vivit vero in me Christus. Quod autem nunc vivo in carne: in fide vivo Filii Dei, qui dilexit me, et tradidit semetipsum pro me.*”

reencontra-se no coração de Deus. No aniquilamento do homem, que é puro sair de si rumo a Palavra que convida, realiza-se também o aniquilamento de Deus, que é a pura *quenose* do seu amor humilde, pela qual desdenha entrar na história dos homens e comprometer-se nela. (FORTE, 1991, p. 56).

Dessa maneira, nos momentos cruciais da vida requer um ato de abandono, de entrega, que somente pode fazê-lo mediante a fé e a esperança que não nos decepcionam. Assim, todo homem é chamado a unir seu sofrimento, sua cruz, ao sofrimento e a Cruz de Cristo, pois ela é o caminho de vitória e salvação. É “completar em sua carne o que faltou à Paixão de Cristo.” (Col 1, 24).⁵⁶, como diz o apóstolo Paulo.

No entanto, isso não significa que a Paixão de Cristo foi incompleta, visto que o sofrimento de Cristo criou o bem da Redenção do mundo, é um bem em si mesmo infinito, logo, ninguém pode acrescentar nada. Dizer que completa na carne o que faltou na Paixão de Cristo, ressalta o mistério da união de Cristo com o homem na comunidade da Igreja, pois pelo Batismo somos incorporados, fazemos parte do Corpo Místico de Cristo. Sendo assim, aqueles que sofrem em união com o Senhor completa em seu sofrimento o que “faltou” na paixão do Senhor, como afirma João Paulo II:

Querirá isto dizer, por ventura que a Redenção operada por Cristo não é completa? Não. Isto significa apenas que a Redenção, operada por virtude do amor satisfatório, permanece aberta a todo o amor que se exprime no sofrimento humano. Nesta dimensão - na dimensão do amor- a Redenção, já realizada totalmente, realiza-se em certo sentido constantemente. Cristo operou a Redenção completa e cabalmente; ao mesmo tempo, porém não a fechou: no sofrimento redentor, mediante o qual se operou a redenção do mundo, Cristo abriu-se desde o princípio, e continua abrir-se constantemente, a todo o sofrimento humano. (SD, n. 24).

Assim, é na Cruz do Senhor que o homem encontra forças para superar todos os obstáculos. Ela se tornou uma fonte da qual brotam rios de água viva. Também nela se encontra a pergunta sobre o sentido do sofrimento, e deve ler aí até ao fim a resposta a tal pergunta. Dessa forma, a participação nos sofrimentos de Cristo é, ao mesmo tempo, sofrimento pelo Reino de Deus. É a dor do homem que se une e se depara com a dor do divino. Esse sofrimento torna o homem maduro e envolvido pelo Mistério da Redenção de Cristo, pois todo sofrimento, seja moral, psicofísico tem sempre terá caráter de prova⁵⁷.

⁵⁶ “*Adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea.*”

⁵⁷ Faz importante compreender a distinção entre prova e tentação. A prova não nos conduz diretamente ao pecado. É, na verdade, uma oportunidade para crescermos na vida espiritual, nas virtudes. Assim, o

Através desta dinâmica de fé, o cristão percebe que já não sofre em sofrer, mas rejubila diante de seu sofrimento, pois descobriu algo transcendental e tornou-se incompreensível. Na terra, só um homem pode ser pássaro na dor, só um homem pode cantar quando sofre. Esse homem, como bem expressa Mohana, é o cristão que conseguiu penetrar na essência do cristianismo. Esse não só “não sofre”, mas “alegra-se até”, pois, “quem não compreendeu ainda o mistério da Cruz, não compreendeu ainda o cristianismo.” (MOHANA, 1984, p. 223-225).

Mas o homem necessita olhar para o Cristo, seu modelo a ser seguido. Ser verdadeiramente uma imitação d’Ele, quer dizer, ter as mesmas atitudes: oração e abandono confiante nas Mãos do Pai. Jesus era um homem voltado para o seu *Aba*. Via a necessidade de rezar. De madrugada, saía para orar onde passava horas e horas sozinho rezando num lugar deserto (Mc 1, 35).

Cristo era paciente em meios aos sofrimentos, principalmente ao sentir rejeitado e perseguido até mesmo pelo seu povo: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vós não o aceitastes?” (Lc 13, 34)⁵⁸. Suportou tudo por amor ao Reino. Sua confiança estava no Pai, pois Ele e o Pai estavam intimamente unidos (Jo 10, 30).

Portanto, diante do sofrimento, o homem não pode fechar-se em si mesmo, deve ir ao encontro daqueles que sofrem. Certamente, neste encontro descobre o sentido, através do amor, para o seu próprio sofrimento. Pois o amor, a exemplo do amor divino, consiste num esvaziar-se de si mesmo para preencher-se do outro, negar esta realidade é negar a possibilidade de ir ao encontro de Deus, como diz o Papa Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est*: “O amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e o fechar os olhos do próximo torna-os cegos também diante de Deus.” (BENTO XVI, 2006, p. 30).

4.2 A ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO E NA VIDA ETERNA

Todo sofrimento só tem sentido por causa da esperança na ressurreição. Dessa forma, o cristão é chamado a viver escatologicamente, ou seja, é “o Já e o Ainda não”. Quer dizer, mesmo

sofrimento sempre será, conforme o Santo Padre (SD, n. 23), uma provação, como também as doenças, os problemas, etc. No entanto, dependerá da atitude do cristão encará-lo com serenidade e confiança em Deus, que não desampara ninguém. Já a tentação conduz diretamente ao pecado, porém, o homem permanece livre para rejeitá-la, renunciá-la. Portanto, a prova é um dom da graça; a tentação é um convite ao pecado (DUFOR et al., 2002).

⁵⁸ “*Ierusalem, Ierusalem, quae occidis prophetas, et lapidas eos qui mittuntur ad te, quoties volui congregare filios tuos quemadmodum avis nidum suum sub pennis, et noluiti.*”

que esteja ainda peregrinando nesta vida terrena e experimente as limitações humanas, seu agir deve estar ancorado nas virtudes teologais e na esperança da Vida Eterna, que fazem do homem um cristão forte em meio as suas dores e angústias da vida como bem faziam os santos⁵⁹.

Esta esperança deve estar fundamentada na caridade a qual é vitória sobre a morte, força sustentadora do homem que o faz acreditar em dias melhores (FORTE, 1995, p. 191), e o concede um olhar sobrenatural diante das situações:

A caridade é vitória sobre a morte, triunfo da vida realizado com o simples e silencioso agir do amor. [...]. A fé é entrar na vida que só a Palavra, na qual cremos, nos revela e transmite [...]. A esperança é saborear antecipadamente o triunfo da vida, o encontro do humilde dia presente com o dia da glória prometida.

Sua Santidade, Papa Bento XVI, na Carta Encíclica *Spe Salvi*, escreve sobre a importância da esperança para aqueles que a perderam por causa da dor e do sofrimento. A cura não está na fuga da dor e de si mesmo, mas na perfeita união com Cristo, através da aceitação dessas realidades e buscando sempre o sentido para cada acontecimento:

É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que, pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver, aparentemente não tenha qualquer motivo para esperar [...]. Podemos procurar limitar o sofrimento e lutar contra ele, mas não podemos eliminá-lo [...]. Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através de união com Cristo, que sofreu com infinito amor. (SS, n. 35-37).

Todavia, faz-se necessária a consciência que o sofrimento é uma realidade que não podemos eliminar, mas em Cristo ele adquire um novo sentido. A cura não está na fuga ou renúncia dele senão na sua aceitação na fé ao crer que Deus tem o melhor. Diz Santo Afonso Maria (1996, p. 56), que “uma alma que ama a Jesus Cristo ama o sofrimento.” Mas é certo que a dor de não encontrar resposta ao porquê de muitos sofrimentos causa, muitas vezes, uma ferida no coração.

Mas a fé faz entender que um dia tudo será esclarecido e perceberá o motivo de tantas angústias e sofrimentos, compreenderá que tudo teve um sentido, mas é certo que agora “Vemos

⁵⁹ Os santos sempre eram felizes mesmo diante dos sofrimentos. Sua felicidade brotava da certeza de pertencer a Cristo. Sabiam que a oração é um combate contra nós mesmos e contra o Tentador, o demônio (cf. CIC, 2725).

agora através como por um espelho, depois veremos face a face.” (1 Cor 13, 12)⁶⁰, como diz o apóstolo Paulo. Ou seja, vemos como algo confuso, embaralhado, mas depois veremos claramente. “O que nos salvará não serão as nossas realizações, mas a Paixão de Cristo na qual quero ter parte.” (MIRIBEL, 1998, p. 63).

Assim, diante de qualquer sofrimento que a alma esteja passando seja moral, físico e espiritual, o homem carece de paciência e oração. Necessita também de perseverança, que é filha da esperança a qual o mantém em pé. Ela garante a vitória. E do abandono nas mãos da secura espiritual, da escuridão, das dificuldades...é o não resistir, mas abandonar-se cheio de paz e de confiança nas mãos de Deus, como diz Frei Inácio Larrañaga (1975) e pedi-Lhe que seja feita a sua vontade.

Diz Evágrio Pôntico (apud CIC, 2737) que não devemos ficar aflitos quando pedimos alguma coisa a Deus e não a recebemos imediatamente, pois o Senhor quer fazer-nos um bem ainda maior por causa da nossa perseverança em permanecer unido a Ele na oração. De fato, como diz Josemaria Escrivá (1964, n. 983) “começar é de todos; perseverar, de santos. Que tua perseverança não seja consequência cega do primeiro impulso, fruto da inércia; que seja uma perseverança refletida.”

Essa confiança é fruto de uma sincera entrega. Santa Teresinha do Menino Jesus demonstra em seus escritos expressões que refletem este espírito de confiança e de filial abandono⁶¹ em Deus que se expressa em fazer a vontade d’Ele:

Deus tudo vê. Abandono-me a Ele. Uma só coisa desejo: a vontade de Deus. Enquanto Ele esteja feliz, sinto-me no cume da felicidade. Quero tudo o que Deus me dá. Não quero entrar no céu um minuto antes por própria vontade. Não prefiro uma coisa à outra. O que Deus prefere e escolhe para mim, é o que mais gosto. Gosto tanto da noite como do dia. (MARÍN, 2002, p. 372).⁶²

⁶⁰ “*Videmus nunc per speculum in aenigmate: sicut et cognitus sum.*”

⁶¹ Sobre o abandono, existe uma linda e profunda oração do Beato Charles de Foucauld, chamada “Oração do Abandono”, que expressa confiança em Deus, a ponto de aceitar tudo o que acontecer: ‘Meu Pai, eu me abandono em Ti. Faz de mim o que quiseres. O que fizeres de mim, eu Te agradeço. Estou preparado para tudo, aceito tudo. Desde que a Tua vontade se faça em mim e em tudo o que Tu criaste. Nada mais quero, meu Deus. Nas tuas mãos entrego a minha vida. Eu Te a dou, meu Deus, com todo o amor do meu coração, porque Te amo. E é para mim uma necessidade de amor dar-me, entregar-me nas Tuas mãos sem medida com uma confiança infinita, porque Tu és...meu Pai.’ (DIÁRIO CATÓLICO. A Oração do Abandono, escrita pelo padre e beato Charles de Foucauld. Em 03 de Abril de 2011. Disponível em <www.diariocatico.com.br/2011/04/oracao-do-abandono-escrita-pelo-padre-e.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.11:10:38).

⁶² “*Dios todo lo ve. Me abandono a El. Una sola cosa deseo: la voluntad de Dios. Com tal que El este contento, me siento en el colmo de la felicidad. Quiero todo que Dios me dá. No quiero entrar en el cielo un minuto antes por propia voluntad. No prefiero una cosa a otra. Lo que Dios prefere y escoge por mí, eso es lo que más me gusta. Me gusta tanto la noche como el día.*”

Desta maneira, a resposta do homem diante do sofrimento não se encontra em ciências especulativas, como a filosofia. Esta costuma perguntar angustiamente sobre a origem do problema do mal, procura intelectualmente o porquê da dor humana, mas não lhes dar respostas, porque a resposta está em Jesus que ao assumir a carne humana, compartilhou toda a dor humana.

Em Jesus a dor humana, os sofrimentos são assumidos: sofreu a dor dos emigrantes, pois sua família teve de partir para o estrangeiro a fim de escapar do rei Herodes que queria matá-lo. Como todo homem sofreu medo, dúvidas e foi tentado por Satanás. Sofreu cansaço e fracasso pastoral, soube o que é a traição por parte dos familiares e amigos. E também levando até o fim a condição humana sentiu a solidão e abandono por parte de seu Pai (CARAVIAS, 1997).

Assim, o homem deve ser batizado na morte de Cristo. Ser batizado em sua morte é passar por uma agonia, porque são purificações, aridez, cruces. Mas é uma agonia que anuncia um novo nascimento. Ser batizado em sua morte é entrar no coração de Cristo, participar no drama de seu amor e de sua dor. Batizar-se em sua morte, é algo que não se pode descrever, pois tem que vivenciar (CANTALAMESSA, 1999). É no seguimento da Cruz do Senhor que o homem encontra a resposta ao seu sofrimento:

Cristo não explica abstratamente as razões do sofrimento; mas antes de mais nada diz: ‘Segue-me! Vem! [...]’. A medida que o homem toma a sua cruz, unindo-a espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se manifestado mais o sentido salvífico [...]. E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual. (SD, n. 27).

Porém, em Cristo todos estes sofrimentos que o homem experimenta existencialmente são superados e transcendidos, pois uma verdadeira dor, dor que sai do íntimo da alma pertence antes de tudo a Deus. De fato, na Encarnação o Senhor assumiu toda condição humana. Ele vem ao encontro do homem, assim como diz Santo Afonso (1996, p. 57) o “Verbo Eterno desceu à terra para nos ensinar, com seu exemplo, a carregar com paciência as cruces que Deus nos manda.”

CONCLUSÃO

Durante nossa pesquisa, ao fazermos uma análise fenomenológico-espiritual do sofrimento, vimos que o sofrimento seja físico ou moral é uma realidade que atinge a todos e somente Cristo, que é verdadeiramente Deus e Homem, e conseqüentemente, o modelo para todo sofrimento humano, pode dar-lhe sentido, pois ao assumir a natureza humana, na Encarnação, assumiu para si todas as angústias e dores do homem, conseqüentemente, Ele conhece a fundo o seu sofrimento e o leva a sério indo ao seu encontro.

Não sabemos por que Deus permite o sofrimento de seus filhos, por que os justos sofrem, como o pobre Jó, mas se sabe que através deste silêncio ante os questionamentos ressoa a voz do Eterno.

Dessa forma, é um silêncio que não significa abandono ou desprezo. Mas amor que prova o homem e espera deste uma resposta de fé e esse mistério se alarga quando Ele veio sofrer e tomar parte da história humana, mudando assim o sentido do sofrimento, pois quando o sofrimento é abraçado por amor a Deus acontece uma verdadeira ressurreição mesmo na dor. Logo, o sofrimento tem significado redentor e cada pessoa completa em sua carne o que faltou na Paixão de Cristo.

Vimos também que Teologia não explica o porquê do sofrimento, sobretudo, dos inocentes, mas diz como se pode dar um novo sentido a ele. Faz compreender que a dor amadurece, que o sofrimento purifica e nos leva a Cristo, pois o sofrimento não é maldição, castigo ou desprezo de Deus para com seus filhos, pelo contrário, é visto numa perspectiva de crescimento e purificação espiritual.

Além disso, explicamos que todas as tribulações do homem são do próprio Cristo. Assim, diante do sofrimento o homem não sofre sozinho, pois Cristo está junto dele e compadece efetivamente. Todavia, vimos que carece da parte do homem uma resposta no âmbito da fé. Quer dizer, consciente que tudo tem um sentido e nada acontece por acaso, Deus permite que o mal aconteça, mas Ele pode tirar deste um bem maior.

Assim, o cristão não deve perder a certeza da ressurreição e a esperança na vida eterna. Compaixão, amor. Por isso, deve ter os mesmos sentimentos de Cristo, confiança, abandono, entrega nas Mãos do Pai e ter os olhos fixos n'Ele.

Ademais, vimos que o sofrimento não pode ser eliminado, mesmo que o homem queira, faz parte de sua vida, pois a maturidade espiritual não está na fuga dessa realidade ou simplesmente em evitar o sofrimento, mas na busca consciente do seu sentido. (SS, n. 37).

Dessa forma, o homem nunca deve perder a esperança e a fé diante do sofrimento. Este quando vivido na fé, é sem dúvidas, uma fonte de bênçãos. É a mais perfeita das orações que nos leva a Deus. Bem como consta nos 99 Pensamentos (n. 94), extraídos das obras de Chiara Lubich: “O sofrimento pode se tornar a mais sublime e a mais eficaz das orações.”

A pessoa humana pode e é capaz de esperar dias melhores mesmo que esteja passando por momentos difíceis. Nada pode abalar sua confiança em Deus, pois bem como diz São Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação? Ou a angústia? Ou a perseguição? Ou a fome? Ou a nudez? Ou o perigo? Ou a espada?” (Rm 8, 35-36).⁶³

Portanto, ainda no pensamento do Apóstolo: “[...] nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus [...].” (Rm 38-39).⁶⁴

Dessa maneira, o homem deve superar-se dando a si mesmo uma resposta de fé, de confiança no amor de Deus que supera tudo e todas as coisas. Trata-se de um verdadeiro ato de abandono nas mãos amorosas de Cristo que revela o rosto do Pai que é amor. Assim, “o homem é redimido pelo amor.” (SS, n. 26), e somente na sua entrega sincera a Deus seu coração é curado para amar-se e amar, além disso, todo seu sofrimento começa até sentido à luz da fé.

⁶³ “*Quis ergo nos separabit a charitate Christi? Tribulatio? An angustia? An fames? An nuditas? An periculum? An persecutio? An gladius?*”

⁶⁴ “[...] *neque mors, neque vita, neque angeli, neque principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare a charitate Dei [...].*”

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Natureza do Bem**. trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

_____. *Las Confesiones*. 7ª ed. v. II. Madrid: BAC, 1979.

_____. *Enarrationes in Psalmos*. In *Patrologiae Cursus Completus*, editor Jacques - Paul, Parisiis, 1845a.

_____. *Sermones ad Populum*. In *Patrologiae Cursus Completus*, editor Jacques - Paul, Parisiis, 1845b.

_____. *De Libero Arbitrio*. In *Patrologiae Cursus Completus* editor Jacques - Paul, Parisiis, 1845c.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2002.

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia: vida, obras e doutrinas dos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1972.

ARISTÓTELES. **Metafísica I - II**. v. IV. trad. direta do grego por Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BALAGUER, Josemaría Escrivá de. **Caminho**. trad. Alípio Maia de Castro. São Paulo: Panorama, 1964.

_____. **Forja**. trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1987.

BENTO XVI, Papa. **Angelus**. Em 13 novembro de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2005/documents/hf_ben-xvi_ang_20051113.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 13:46:19.

_____. *Deus caritas est*. Sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de AUSCHWITZ-BIRKENAU**. Em 28 de Maio de 2006. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 12:59:56.

_____. Entrevista a Bento XVI transmitida na Itália pela Rai Uno no programa: “A sua Imagem.”. **Perguntas sobre Jesus**. Em 22 de Abril de 2011. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20110422_intervista.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 11:10:15.

_____. *Gesù di Nazaret*. Roma: Rizzoli, 2007.

_____. **O ano da fé**. Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 15:32:43.

_____. *Spe Salvi*. Carta Encíclica. Roma: 2007. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html>. Acesso em: 13. mai. 2020. 15:30:46.

_____. Visita pastoral do Papa Bento XVI a Loreto por ocasião da ágora dos jovens italianos: **As respostas do santo padre às perguntas dos jovens durante a vigília de oração**. Em 1 de setembro de 2007. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20070901_veglia-loreto.html>. Acesso em: 26.11. 2020. 13:19:44.

BÍBLIA CATÓLICA ONLINE. Disponível em <<https://www.bibliacatolica.com.br/>>. Acesso em: 26. nov. 2020. 10:36:31.

BIBLIA SACRA. VULGATAM CLEMENTINAM. 10ª ed. Madri: BAC, 1999.

BOUYER, L. *Diccionario de teología*. trad. Franciso Martínez. 6ª ed. Barcelona: Herder, 1999.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. 2ªed. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CANTALAMESSA, Raniero. *La fuerza de la Cruz*. trad. Manuel Ordóñez. 3ªed. Milán: Monte Carmelo, 1999.

CARAVIAS, José L. **Fé e dor: respostas bíblicas diante da dor humana**. trad. Roberto Tápia Vida. São Paulo: Paulinas, 1997. (COLEÇÃO CAMINHOS).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CALCUTÁ, Madre Teresa de. **Venha e seja minha luz: a história e os escritos mais importantes da Santa de Calcutá**. trad. Maria José Figueiredo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

COMPÊDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Introdução e índice Analítico de frei Boaventura Kloppenburg. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRUZ, São João da. **Cântico espiritual:** resposta às angústias do homem de hoje. trad. Ana Paula Coutinho. São Paulo: Paulinas, 1980.

DENZINGER-HÜNERMANN. Compêndio dos símbolos, declarações e definições de fé e moral. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2006.

DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA. trad. Paulo Meneses [et al]. São Paulo: Loyola, 2004.

DIÁRIO CATÓLICO. **A Oração do Abandono,** escrita pelo padre e beato Charles de Foucauld. Em 03 de Abril de 2011. Disponível em <www.diariocatico.com.br/2011/04/oracao-do-abandono-escrita-pelo-padre-e.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.11:10:38.

FRANCISCO, Papa. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Sri Lanka e às Filipinas. **Encontro com os jovens.** Em 18 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html>. Acesso em: 26. nov. 2020. 11:30:33.

FORTE, Bruno. **A teologia como companhia, memória e profecia:** introdução ao sentido e ao método da teologia como história. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado.** Teocomunicação. Porto Alegre, 2003.

_____. **Teologia da História.** Ensaio sobre a Revelação. O início e a Consumação. São Paulo: Paulinas, 1995.

FUKS, Rebeca. **Resumo da Biografia de Viktor Frankl:** Neuropsiquiatra austríaco criador da logoterapia. Em 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/viktor_frankl/>. Acesso em: 25. nov.2020. 14:55:30.

GRÜN, Anselm. **O céu começa em você:** A sabedoria dos padres do deserto para hoje. trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEINEM, Karl. **O Deus indisponível:** o livro de Jó. trad. J. Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1982.

JOÃO PAULO II, Papa. *Salvifici Doloris*. Carta Apostólica. Roma: 1984. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html>. Acesso em: 14. mai. 2020. 10:35:12.

LACOSTE, Jean -Yves. **Dicionário crítico de teologia**. trad. Paulo Meneses [et al]. São Paulo: Loyola, 2004.

LARRANAGA, Inácio. **Mostra-me teu rosto**. 2ª ed. trad. José Carlos Correa Pedroso. Itália: Paulinas, 1975.

LÉON-DUFOUR, Xavier et al. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 7ª ed. trad. Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEPETIT, Charles. **O parceiro invisível**: Charles de Foucauld. trad. Celeste Maria Jardim de Moraes. São Paulo: Paulinas, 1982.

LIÃO, Santo Irineu Bispo de. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose. 2ª ed. trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. **A prática de amor a Jesus Cristo**. 7ª ed. trad. Gervásio Fábri dos Anjos. São Paulo: Santuário, 1996.

MARÍN, Antonio Royo. **Teología de la perfección cristiana**. Madri: BAC, 1968.

_____. **Los grandes maestros de la vida espiritual**: Historia de la espiritualidad cristiana. Madri: BAC, 2002.

MILÃO, Santo Ambrósio Bispo de. **Explicação dos símbolos. Sobre os Sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência**. trad. Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, 1996.

MIRIBEL, Elisabeth de. Edith Stein: **Como ouro purificado pelo fogo**. 4ª ed. Aparecida: Santuário, 1998.

MOHANA, João Miguel. **Sofrer e amar**: psicologia e teologia do sofrimento. 15ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

NICLOA, Abbagnano. **Dicionário de filosofia**. trad. Alfredo Basi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo [dir]. **Dicionário Teológico**: O Deus Cristão. trad. I. FL. Ferreira et al. São Paulo: Paulus, 1988.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Respostas ao ateísmo**. Em 09 de agosto de 2013. Disponível em:<<http://www.respostasaoateismo.com/2013/08/filosofo-luiz-felipe-ponde-explica-por.html>>. Acesso em: 12 nov. 2020. 16:10:07.

QUASTEN, Johannes. *Patrología: La edad de oro de la literatura patristica griega*. 4ª ed. v. II. Madrid: BAC,1985.

SARAH, Robert; Nicola Diat. **Deus ou nada: entrevista sobre a fé**. 1ª ed. trad. J. Figueiredo; Eliane da Cota Nunes. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016.

VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. 7ª ed. trad. Frei Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 2002.

99 PENSAMENTOS EXTRAÍDOS DAS OBRAS DE CHIARA LUBICH. 5ª ed. trad. Theresa Stummer. São Paulo: Cidade Nova, 1987.